

**ESTUDOS SOBRE
AS MANIFESTAÇÕES DO CARMA**

CLAUDIO TELLES

A proposta de uma medicina baseada em ensinamentos da Ciência Espiritual necessariamente deve partir da compreensão do carma. Para qualquer aspecto que se olhe da vida, tanto na diurna quanto noturna, há sempre manifestações do carma, e também sua produção. Quando adormecemos, e o corpo astral e o Eu se descolam dos corpos etérico e físico é à corrente do carma que se unem. E durante o sono são elaboradas as intenções cármicas a serem efetivadas durante o dia. Ao amanhecer, não recordamos tais intenções com nossa consciência de vigília, mas, ao retornarem à união com o etérico e o físico, trazem-nas o corpo astral e o Eu na forma inconsciente dos sentimentos e da vontade. Vamos elaborar um entendimento dessas complexas relações com o processo de adoecimento, de forma que este constitua uma forma de olharmos para as manifestações do carma.

A maneira mais tradicional de entender a produção de doenças na Medicina Antroposófica é a partir do corpo astral, quando ele escapa ao alinhamento produzido pela organização do Eu e penetra excessivamente o corpo etérico há doença. Desgaste do corpo etérico derivado da ação excessiva do corpo astral, tanto que o etérico pode perder sua capacidade de amortização entre os corpos astral e físico abrindo caminho para a ação patológica do primeiro sobre o segundo. E aqui cabe lembrar um dos aspectos fundamentais da dimensão etérica que é dotar de vida a substância física. Submetida apenas às leis físicas é a matéria passiva e não viva, mas quando carregada por qualidades etéricas assume leis próprias que, apesar de não se antagonizarem à física, criam uma potência distinta capaz de autopoiese e replicação a despeito das leis físicas circundantes. Criar é palavra muito própria a esse processo, trata-se realmente de algo novo que se diferencia do comum. É verdade que devemos enxergar o espiritual em toda manifestação de matéria, mas é fato ser a planta amplamente distinta de uma rocha em sua capacidade de crescer, evoluir, se reproduzir, se alimentar, se diferenciar, de criar suas próprias leis internas, mantê-las e transmiti-las a sua descendência, em outras palavras, potência de criação e de normatização que caracterizam a vida. É o corpo etérico, ausente no mundo mineral, que oferece ao reino vegetal essa capacidade criativa, característica primordial a todo ser vivo.

E é esse corpo etérico o responsável pela manutenção dessa criatividade frente à implacabilidade das leis físicas. Nisso há um desgaste, um progressivo consumo dessa potência e um caminho natural a sua extinção e conseqüente morte. Quando o etérico não é mais capaz de suprir à matéria a potência necessária à manutenção de suas leis internas, a vida se esvai e sobrevém a morte, o organismo sucumbe às leis físicas e morre. Esse mecanismo foi descrito, com palavras não esotéricas, mas de maneira muito interessante, por Georges Canguilhem em "O Normal e o Patológico". Para ele toda doença é uma tentativa de cura. Ao se iniciar o processo de perda de sua

capacidade de manutenção de leis internas próprias em oposição ao mundo exterior, o organismo institui novas leis, distintas à fisiologia dita normal, mas ainda capazes de manter a vida. Ele cita o exemplo da diabetes: o indivíduo não é mais apto a manter o equilíbrio glicêmico plasmático dentro dos parâmetros “normais”, mas cria uma nova norma e funciona num estado de hiperglicemia em relação à fisiologia anterior, o que permite a sobrevivência, como sabemos, por décadas. O indivíduo, a partir de sua potência autopoiética, cria para si uma nova norma, patológica sim, mas útil a seus propósitos de perseverar o máximo possível na existência física material como ser vivo e individualizado ao mundo exterior. Como ponto central de sua tese, Canguilhem defendeu ser o patológico uma norma qualitativamente distinta à norma fisiológica dita normal. Até então, a partir de trabalhos datados do século XIX, entendia-se doença apenas como um desvio quantitativo da fisiologia “normal”. Canguilhem olhou para a capacidade autopoiética da vida de instituir normas, de criar para si o novo. E essa talvez seja a principal característica da vida: interagir com o mundo exterior e ao mesmo tempo manter sua individualidade interior.

“A natureza (physis), tanto no homem como fora dele, é harmonia e equilíbrio. A perturbação desse equilíbrio, dessa harmonia, é a doença. Nesse caso, a doença não está em alguma parte do homem. Está em todo o homem e é toda dele. As circunstâncias externas são ocasiões e não causas (...) A doença não é somente desequilíbrio ou desarmonia; ela é também, e talvez sobretudo, o esforço que a natureza exerce no homem para obter um novo equilíbrio. A doença é uma reação generalizada com intenção de cura. O organismo fabrica uma doença para se curar a si própria”.

(“O Normal e o Patológico” – págs. 20 e 21)

Canguilhem não aludiu à dimensão etérica nem ao carma; era médico, filósofo e epistemologista, mas não ocultista. Todavia, a afirmação acima corresponde com perfeição à tese de serem as doenças desequilíbrios na organização quadrimembrada do ser humano oriundos das oscilações cármicas. Ele entendeu que há algo que proporciona à vida a energia necessária para manter suas regras próprias de funcionamento nem sua relação com o meio ambiente, e isto é saúde. A perda progressiva desta capacidade é a doença, o patológico, que leva o indivíduo a ser progressivamente dominado pelas leis físicas circundantes até o advento da morte. Nós, que olhamos para estes fenômenos com os conhecimentos oferecidos pela Ciência Espiritual, sabemos ser o corpo etérico o membro capaz de exercer essa função.

A obra de Canguilhem é posterior em algumas décadas a de Steiner, e em muitos pontos são discordantes.

“Como caráter do estado patológico, deve-se reconhecer uma ligação intensa do corpo astral ou da organização do Eu com o organismo físico. Essa ligação, contudo, é apenas um reforço daquela presente de modo mais frouxo no estado de saúde”.

(“Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar” – pág. 20)

Afirmção ligada ainda aos preceitos quantitativos do século XIX, aos quais se opôs a tese qualitativa de Canguilhem. Mas, embora não fosse hábito de Steiner considerar obras e autores que não incluíssem em suas ideias o mundo espiritual, é possível que ele fosse favorável a algumas das teses de Canguilhem. Ambos localizaram no ser vivo qualidades que o individualizam em relação às leis do mundo exterior. Steiner referiu-se muitas vezes àquelas mesmas características que atribuímos à vida – interação com o mundo exterior e capacidade de manter sua própria individualidade perante o exterior – para abordar o assunto do carma. Steiner vai priorizar o carma individual, aquele que acompanha a individualidade espiritual ao longo de sucessivas encarnações, mas as manifestações do carma estarão também irremediavelmente associadas aos planos coletivos: carmas da família, da nação, do povo, da época, do Universo; capacidade de interagir com o carma coletivo exterior e capacidade de manter sua própria unidade cármica ao longo das sucessivas encarnações.

Voltando à organização quadrimembrada do ser humano, o corpo etérico ocupa posição central na manutenção dos processos de saúde e deve-se buscar em sua interação com o corpo astral os processos patológicos que conduzem ao adoecer. Já foi citado acima como o adoecimento é produzido a partir de uma ligação mais intensa do corpo astral ao corpo físico, quando o astral escapa aos mecanismos ordenadores da organização do Eu e alcança o físico. Há desgaste do corpo etérico, de sua capacidade de autocura e regeneração da vitalidade do corpo físico. Na mesma página 20 de “Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar”, Steiner e Wegman complementam o raciocínio citado acima.

“A interferência normal do corpo astral e da organização do Eu no corpo humano tampouco é aparentada com os processos vitais sadios, e sim com os patológicos”.

(“Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar” – pág. 20)

Frase de impacto profundo.

Steiner parece antecipar as futuras teses qualitativas de Canguilhem. Se mesmo as relações fisiológicas entre os membros superiores e os inferiores da organização humana estabelecem uma interação de desgaste, deve-se concluir a existência de uma norma de funcionamento qualitativamente distinta para reger a saúde produzida na fisiologia corpo etérico-corpo físico. O que Steiner está afirmando com toda a clareza é que o funcionamento normal da individualidade humana quadrimembrada determina um desgaste de sua potência etérica, com consequências sobre o corpo físico. O estado fisiológico normal, portanto, implica já numa lenta e progressiva deterioração do etérico contrária à manutenção da vida.

É de conhecimento de todos nós que Steiner relaciona esse funcionamento fisiológico ao ciclo sono-vigília. Enquanto estamos acordados, estão o corpo astral e o Eu mais intimamente mergulhados no interior etérico e físico provocando o desgaste dos mesmos. Ao dormirmos essa relação se afrouxa, e permite a oportunidade ao corpo etérico se revitalizar e oferecer ao corpo físico a regeneração. O estado de saúde é o equilíbrio dinâmico entre sono/vigília, revitalização/desgaste, anabolismo/catabolismo, vida/morte. Estar acordado, consciente, é um processo de morte; dormir, estar inconsciente, é um processo de vida. Steiner atribui ao pensar consciente acordado um desgaste da potência etérica, uma transformação das forças vitalizantes etéricas em atividade do pensar. Quanto mais lúcidos mais caminhamos para a morte. Mas não deve ser postulado aqui um processo patológico, pois que fisiológico, mesmo que este leve a um desgaste progressivo em direção a morte. Na doença, na patologia, é necessário que se observe um processo qualitativamente diferente, que transforme a relação de desgaste fisiológica entre organização do Eu-corpo astral-corpo etérico-corpo físico. Há aqui não apenas um aumento quantitativo nessa interação, mas uma norma distinta de funcionamento que produz doença. E o que traz essa mudança qualitativa na vida do ser humano é o carma.

SOBRE AS REGRAS GERAIS DO CARMA

No capítulo VI de “As Manifestações do Carma”, Steiner coloca uma questão simples, porém fundamental: O que significa essa penetração excessiva do corpo astral nos corpos físico e etérico?

“Quando nosso corpo astral (...) que normalmente não deveria desenvolver consciência alguma em nosso ser, se esforça por uma consciência nos corpos físico e etérico, quando, enfim, ele quer acordar em nós, então ficamos doentes. Doença é um estado anormal de vigília de nosso corpo astral”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 111)

Essa ideia de doença como consciência patológica ligada ao corpo astral, e sua associação a dor, aparece em muitos lugares na obra de Steiner. É que para Steiner, no atual estado de evolução terrestre do ser humano, a consciência que desenvolvemos é a ligada ao Eu. Nem sempre foi assim. Em “A Ciência Oculta”, ele mostra como nosso grau de consciência evoluiu ao longo das encarnações planetárias. Consciência de sono relativa ao corpo etérico no Antigo Sol, consciência sensciente de sonho correspondente ao corpo astral na Antiga Lua e, finalmente, a consciência terrestre atual ligada ao Eu. Mas para o Eu penetrar o indivíduo humano e o torna-lo desperto precisa silenciar o corpo astral e sua consciência de tipo mais arcaico. Quando esta desperta é porque o corpo astral imiscuiu-se mais profundamente nos membros inferiores, o que provoca a doença. A presença do Eu, e sua consciência acordada, puxou para si o corpo astral, e tornou mais frouxa a interação entre o astral e o etérico; mais frouxa do que foi na Antiga Lua, quando vivíamos num estágio de consciência imagética e crepuscular, abafada. O resquício desse tipo de consciência lunar acontece durante os sonhos, e nos processos de dor quando adoecemos. A dor é manifestação na consciência do corpo astral, é o encaixe mais profundo deste sobre o etérico: desgaste que leva à doença. Por que isso acontece?

Para Steiner tudo provém do carma.

Repetidas vezes ao longo do ciclo de palestras de “As Manifestações do Carma”, e também em várias outras oportunidades, Steiner explica que faltas e erros morais ocorridos numa vida se fixam no corpo astral e, após a passagem pelo portal da morte, na encarnação seguinte isto irá se manifestar como uma relação alterada entre o corpo astral e os corpos etérico e físico, uma relação qualitativamente diferente da fisiologia normal que irá produzir doença. Portanto, são as faltas cometidas numa vida que levam a potência astral a se comportar de forma patológica numa vida seguinte. E aqui, vamos aproveitar para discorrer sobre as leis gerais do carma.

São três as leis que regem o carma, explicadas no capítulo I de “As Manifestações do Carma”: relação de causa e efeito, retroação do efeito sobre a causa, ser que sofre a retroação se mantém o mesmo.

As relações de causa e efeito podem ser entendidas com base nas relações físicas entre os corpos. Quando um corpo exerce ação sobre outro, provoca neste um determinado efeito. Steiner usa o exemplo de um raio de sol incidindo sobre uma chapa de metal. O raio de sol é a causa, o aquecimento do metal o efeito. Não há aqui, contudo, qualquer tipo de retroação do efeito sobre a causa. Mas se retornarmos ao mencionado acima, quando ações de uma vida são efeito de doenças na encarnação seguinte, aí sim, estarão claramente em ação as três leis do carma.

Em primeiro lugar a relação de causa e efeito. Faltas morais numa vida carregam o corpo astral de forma que, na encarnação seguinte, estas se manifestem como doenças. Assim, vícios, corrupções do caráter, egotismo excessivo, indolência e diversas outras atitudes moralmente condenáveis são causas cujos efeitos são doenças na vida seguinte. E esses efeitos retroagem sobre a causa, o indivíduo que sofre o efeito é a reencarnação do mesmo ser espiritual que, na encarnação anterior, produziu a causa em questão. É importante atentar para o fato de que o ser sobre o qual retroage o efeito não é o indivíduo que já faleceu, mas o ser espiritual. Ao olharmos a dinâmica de suas múltiplas reencarnações fica claro que ele é causa e efeito de seus próprios atos. E isso faz cumprir a terceira lei geral do carma, ou seja, o ser que sofre a retroação permanece o mesmo que produziu a causa, no sentido de ser a mesma individualidade espiritual, porque algum tipo de mudança essa relação de causa-efeito sempre produz. O que, aliás, é a essência do carma, produzir movimento, fluxo, caso contrário o Universo seria estático e não dinâmico.

Dessa forma, para cumprir as leis gerais do carma, faz-se necessário que causas atravessem o tempo para encontrar seus efeitos. Assim sendo, deve-se assumir uma dinâmica inconsciente para o carma: o indivíduo encarnado que produz as causas jamais conhecerá seus efeitos na encarnação seguinte; e aquele que sofre esses efeitos não conheceu os atos da vida anterior que os produziram. Steiner chega mesmo a negar a possibilidade de atos intencionais se inserirem na dinâmica do carma, de um indivíduo praticar um ato em vista um resultado cármico previsto.

Todavia, no mesmo capítulo I onde faz essa afirmação, Steiner parece negar o que acabara de dizer.

“Usando sua consciência, ele próprio fez com que uma causa fosse seguida por determinado efeito. Desejou o efeito agora produzido por ele. Isso nos mostra como nossa vontade pode intervir na sequência dos efeitos cármicos (...) nessa pessoa o carma entrou na consciência, e ela própria induziu o efeito cármico”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 23)

Guardemos esse ponto em aberto, não será mesmo possível esgotar todo o entendimento de um ciclo de palestra tão denso, até porque outras contradições acontecerão ao longo do livro, e são elas justamente que nos deixam oportunidades para produzir conhecimento sobre os ensinamentos de Steiner.

Talvez a via para destrincharmos essa questão seja o caminho da consciência. No trecho acima, Steiner está a ressaltar a atividade consciente intencional, a consciência lúcida desperta, aquela ligada ao Eu, a consciência própria terrestre em

ação quando o indivíduo está encarnado e desperto, a consciência relacionada ao instrumento do cérebro humano atual. Porque, como já foi visto, existiram e existirão outros níveis de consciência à medida que o ser humano acompanha a evolução planetária. Em nosso atual estágio de evolução, Steiner faz a distinção entre dois tipos de consciência. Em primeiro lugar a Consciência de Personalidade Individual (CPI), essa a qual aludimos acima, a consciência de vigília em funcionamento no período entre o nascimento e a morte, a consciência dessa vida encarnada. Complementar a essa, e muito mais ampla que ela, há a Consciência Individual (CI), a qualidade de consciência que integra o indivíduo num todo espiritual contínuo no Tempo. Talvez possamos dizer que a CPI seja a consciência egóica, vinculada ao Eu mas limitada a uma encarnação, e a CI a consciência espiritual, a que permanece constante ao longo de todas as encarnações, consciência da qual somos inconscientes enquanto seres humanos encarnados e acordados. É nessa CI que se produz a consciência cármica.

Após o indivíduo transpor o portal da morte física, é sabido que toda sua vida passa em retrospecto, de trás para frente, enquanto transcorrem os três dias necessários à morte do corpo etérico. Vive-se um mundo de imagens, qualidade do mundo etérico, mas ligada também aos sentimentos do corpo astral. A CPI está se dissolvendo, a partir desse momento ingressa-se progressivamente no estado de lucidez correspondente à CI. Todos os véus serão desvelados, o indivíduo se vê frente a frente aos seus atos e às implicações cármicas destes; gestos e intenções valorosos e moralmente adequados produzem carregamentos positivos ao carma; atitudes e pensamentos negativos, agressivos, moralmente condenáveis criam carregamentos negativos. Esgotado o período de decomposição etérica, o indivíduo não produzirá mais em sua consciência as imagens de seus atos, mas arrastará consigo os efeitos anímicos consequentes ao penetrar o mundo astral.

Esse mundo astral, no qual ingressamos após a decomposição etérica foi descrito por Steiner através de diversas imagens. Em “Teosofia” descreve minuciosamente as sete regiões anímicas que o compõem e a travessia da alma por essas regiões após a morte. Em outros textos faz a distinção entre as regiões do Kamaloka e do Devachan. Em linhas gerais o Kamaloka corresponderia as três primeiras regiões e o Devachan as três últimas, sendo a quarta região uma transição. Em outras palestras, vai associar essas sete regiões às esferas planetárias: Lua, Mercúrio e Vênus se associam às três primeiras regiões; o Sol é a quarta esfera, a de transição; e Marte, Júpiter e Saturno são as últimas três. O carma é elaborado em todas elas, e já antes, quando assistimos ao filme de nossa vida nos três dias correspondentes à morte do corpo etérico. Mas é preciso ser dito que o kamaloka é o período de sofrimento através do qual o ser humano depura todos seus vícios e hábitos ligados ao

mundo terreno. Permanecem ainda presentes no corpo astral as paixões e cobiças, os impulsos anímicos que o indivíduo arrastou consigo após a morte, porém, na falta de um corpo físico que sacie materialmente tais vícios, sucede-se um período de intenso sofrimento pelo qual a alma estará eliminando esses resquícios da vida terrena.

Em “Teosofia” Steiner descreve como a passagem por essas três primeiras regiões vai sucessivamente eliminando a antipatia e reforçando a simpatia, de forma que ao ingressar na quarta região, a Esfera do Sol, nada mais reste de antipatia. O Kamaloka é conhecido como a região da privação e da dor, onde o sofrimento intenso ligado ainda aos acontecimentos terrenos é deixado para trás no intuito de preparar o indivíduo para ingressar na dinâmica da esfera solar. Aqui vivencia-se intensamente não só tais impulsos astrais, mas também tudo o que foi feito de ruim a outrem; um tapa ou uma ofensa são vivenciados em si próprio, e criam a intenção de redimir tal ato na próxima encarnação. Produz-se carma. Assim, na Esfera da Lua, regida pelos anjos, são despejados as fraquezas e atos morais que carregaram negativamente o carma durante a vida na Terra. O corpo astral começa a se dissolver, a entregar sua substância de volta ao mundo anímico, tal qual já o fizeram os corpos físico e etérico em seus planos. Contudo, esse processo anímico é bem mais longo e, além disso, o corpo astral não se dissolve totalmente, um extrato permanece na Esfera da Lua e será reincorporado pelo indivíduo na encarnação futura. É o que se chama de sósia ou sombra. Jung explorou bastante esse conceito, e representa o que de mais sombrio e profundo existe em nós, o que ainda não foi adequadamente trabalhado e transformado pelo processo evolutivo cármico. Cada nova encarnação consiste uma oportunidade, e um desafio, para dissolver a sombra que habita em nós. Em Teosofia, Steiner nomeia essa Esfera da Lua de Região das Ânrias Ardentes, e a descreve como um local de muito sofrimento, como se tivéssemos a lembrança da sede que, na falta de um corpo físico, nunca pode ser saciada. Ou o vício em nicotina, ou a corrupção da luxúria.

Na segunda região, a Esfera de Mercúrio, regida pelos arcanjos, são eliminadas as fraquezas físicas e suas consequências ainda atuantes sobre a alma humana. Aqui as doenças são expurgadas. Ao sair da Esfera de Mercúrio pode-se dizer estar a alma sã, e isso a prepara para ingressar a Esfera de Vênus, onde nos recebem os arqueus. Agora serão trabalhadas as sensações religiosas e tudo ligado as crenças espirituais, e seremos infundidos de amor, o que nos prepara para a Esfera do Sol. Junto aos seres solares – Exusiai, Dymanis e Kyriotetes – e às almas com as quais possuímos entrelaçamentos cármicos, começa a ser elaborado o carma para a próxima vida. No Sol passamos a maior parte do tempo entre a morte e o novo nascimento num longo processo de fermentação cármica que criará as intenções e encontros que pautarão a encarnação seguinte. E então, finalmente, ingressamos nas esferas regidas pelas mais

altas hierarquias. Em Marte, Júpiter e Saturno nos aguardam Tronos, Querubins e Serafins. Já não há mais antipatias a serem descarregadas e, sob a ação dessas entidades, o ser humano é inundado com a pura luz cósmica que nos funde aos afluxos que nos preenchem a partir do que emana da primeira Hierarquia. O microcosmo humano de fato encontra e se nutre do macrocosmo, aqui o ser humano se funde às altas entidades espirituais e seus empuxos afluem na forma de vontade cármica para a próxima vida.

“Essa forma superior de substancialidade anímica tem uma função semelhante à da luz no espaço físico. Ela faz como que uma formação anímica absorva a existência e o ser das outras por obra delas mesmas (...) faz com que ela se deixe irradiar pelas outras. É alentando-se nessas regiões mais elevadas que os seres anímicos são despertados para a verdadeira vida anímica. (...) Nas regiões mais elevadas reina a livre irradiação, o derramamento”.

(“Teosofia” – pág. 80)

Após todo esse passeio cósmico, depois de atingir a meia-noite cósmica e iniciar o processo reencarnatório de descida à Terra, quando passará novamente pelas sete esferas planetárias onde serão forjadas suas características, qualidades e fraquezas para a nova vida, essas vivências ocorridas sob a CI entre a morte anterior e o novo nascimento são esquecidas. E uma nova CPI é construída a partir do nascimento, ou, pode-se dizer, desde mesmo a concepção. O que permanece é a intenção cármica elaborada nas esferas planetárias; inconsciente para a CPI, consciente para CI. Assim, quando acontece de uma pessoa, por motivos vários, se locomover para uma região onde será desencadeada epidemia de uma doença qualquer, é a CI agindo para que os descarregamentos cármicos necessários possam ocorrer. Já quando, no exemplo citado lá acima, a pessoa produz intencionalmente atos a partir de sua própria CPI para corrigir ou impedir consequências de outros atos ocorridos nessa mesma encarnação, é a consciência encarnada que está em ação para compensar fatos ocorridos nesta própria vida. Podemos concluir serem duas as formas de atuar do carma, através de dois tipos distintos de consciência em ação simultânea sobre o indivíduo encarnado. Essa questão, pela importância conceitual que comporta, precisa ser melhor aprofundada; a presença simultânea, durante a vida encarnada, de dois tipos de consciência traz elucidação a muitas questões. Uma consciência de ciclo longo, a CI, onde se interpola a CPI de ciclo mais curto, é uma das explicações para o funcionamento autoconsciente do Eu. É no ritmo criado no atrito entre esses dois comprimentos de onda que se produz o fenômeno do Eu consciente de si mesmo.

No tomo II do livro “A Imagem do Homem Como Base da Arte Médica”, Husemann e Wolff conferem importância fundamental ao ritmo. Ao explanarem sobre a função cardíaca, e sua função rítmica, esses autores explicam que o ritmo é criado no encontro do movimento com o repouso. Assim o sistema rítmico acontece no encontro entre os fluxos complementares dos sistemas neurossensorial e metabólico. O coração, representante maior deste sistema rítmico e sede do sentir, está justamente interposto entre o pensar consciente e o querer inconsciente. Situado neste encontro de fluxos distintos, torna-se possível a manifestação física de um princípio espiritual superior. E Husemann e Wolff se esforçam em demonstrar, através do desenvolvimento embriológico e morfológico do coração, como este órgão se aprimora progressivamente à medida que são galgadas escalas superiores na evolução animal, culminando nos mamíferos e alcançando o máximo de excelência no ser humano. Steiner corrobora esta tese, não ao explorar a morfologia, mas ao dizer que o coração é órgão em plena evolução e que ao longo dos próximos milênios irá desenvolver qualidades hoje existentes ainda apenas em germe. Isto pode ser encontrado em “A Ciência Oculta”, em “O Conhecimento dos Mundos Superiores” e principalmente em “A Eterização do Sangue”. Voltaremos a este tema mais adiante.

Retomando a questão da consciência e do ritmo, é útil regressarmos ao ponto onde a CPI, uma onda mais curta, se interpola à longa frequência da CI. Ora, se pensarmos a CI em termos cósmicos e a CPI em termos terrenos – pois a consciência egóica associada ao Eu surgiu apenas na Terra –, vamos encontrar, como exigem Husemann e Wolff, o atrito produzido na relação entre movimento e repouso. Talvez não seja correto dizer que a CI corresponda a um estado de repouso que preencha as exigências conceituais da física, mas certamente não erramos ao afirmar que está em repouso relativo ao movimento muito mais veloz da CPI: estamos comparando um ciclo finito de algumas décadas com um ciclo de bilhões de anos aberto à eternidade. É nesse contraste de ordens de grandeza que está fundado o fenômeno da autoconsciência humana, ao fluxo contínuo e eterno do carma se interpola o fluxo breve da consciência do Eu. Isso, claro, cria oscilações nesse fluxo contínuo, e essas oscilações são manifestas na vida concreta do ser humano terreno encarnado nas formas de representações mentais ligadas à atividade do pensar neurossensorial e do querer metabólico.

Em Heráclito, pensador situado na aurora do mundo grego, momento fundador do que Steiner definiu como alma da razão, encontramos a ideia de que tudo é movimento, fluxo. Para Heráclito tudo está em contínuo fluxo, flui como um rio. O sentido desse fluxo está orientado do passado ao futuro, pois a água de um rio escorre da montanha ao mar. A montanha é o passado do rio, o mar o futuro, entre ambos há o

fluxo. O carma também flui, ao longo das múltiplas encarnações de uma individualidade espiritual, como um rio acompanha o movimento progressivo do Universo em evolução, passado em direção ao futuro. Porém, vejamos como o movimento do carma corrompe essa relação cronológica do Tempo, como o movimento não uniforme do carma produz ruído, como este atrito se manifesta na forma de representações mentais. Vamos viajar no fluxo de mão dupla produzido na relação representação mental-vontade.

REPRESENTAÇÃO MENTAL E VONTADE NA DINÂMICA DO CARMA

Na palestra intitulada “Pensar, Sentir, Querer”, Steiner postula serem estes os três movimentos possíveis à alma; e relaciona intimamente o pensar ao querer, afirma que, apesar de possuírem origem distinta, nunca ocorrem de forma isolada, um sempre atua sobre o outro. Steiner explica que para o desenvolvimento da capacidade de raciocínio, ou seja, a integração consciente de uma lógica racional nos pensamentos, é necessária a ação da vontade. Caso contrário, não poderíamos desenvolver o pensar lógico característico de nossa consciência acordada terrestre, estaríamos sempre sujeitos apenas ao pensar imagético típico da Antiga Lua. Contudo, aos impulsos da vontade é necessária a permeação do pensar, de outra forma não poderíamos desenvolver um controle racional que promovesse as bases morais de nossas atitudes. Steiner usa o exemplo dos movimentos não coordenados e aleatórios dos membros de um recém-nascido: vontade em livre manifestação, sem ordenação, sem objetivo. É através do pensar ligado ao passado que é possível ordenar o caos, o querer aberto ao futuro. Mas por que está o pensar ligado ao passado e o querer ao futuro? Para essa resposta, precisamos entender o que caracteriza a vida anímica.

Na palestra “Os Aspectos Corpóreo, Anímico e Espiritual da Vida da Alma” encontramos Steiner preocupado com as origens da vida anímica.

“Uma ideia por meio da qual podemos caracterizar a vida anímica é o julgar. Julgar é a primeira atividade da vida anímica. E a soma das outras vivências da vida anímica se esgota no que se pode denominar vivências interiores de amor e ódio”
 (“Os Aspectos Corpóreo, Anímico e Espiritual da Vida da Alma” – pág.129)

Amor/ódio, ou simpatia/antipatia. É, portanto, a partir da função do sentir, ligada ao presente, que Steiner construirá toda sua teoria da alma. Ele já havia conferido importância capital à simpatia e à antipatia em “Teosofia” e, nesta palestra, retoma o tema. Explica não estar a falar do julgamento, prática derivada da lógica racional, cognitivamente muito posterior à atividade do julgar. Parte dos juízos: “a rosa é vermelha”. Seria este o processo básico do julgar, atribuir uma qualidade (vermelho) ao

objeto (rosa). Percebamos que entre eles existe o verbo que confere a ideia de ação, de movimento, à atividade psíquica. Esse juízo (“a rosa é vermelha”) se transforma na vida anímica em uma representação mental (“rosa vermelha”). O julgar, então, associa duas ideias em uma representação mental, que agora ganha vida própria. O julgar sempre apontará na direção de uma representação mental. Temos elucidado, portanto, o processo básico de formação das representações mentais. Entretanto, ainda resta associar as vivências de amor e ódio a esse processo anímico básico.

Não fica muito claro, ao longo do texto em questão, a associação do julgar ao amor/ódio, mas Steiner inequivocamente os apresenta de forma atrelada, embora pareça preocupado em não se aprofundar demasiado no tema. De qualquer forma, é possível perceber uma diferença fundamental: quanto ao julgar, Steiner o conceitua no sentido progressivo de para onde ele flui, ou seja, para a representação mental; já quanto à polaridade amor/ódio, está interessado em saber de onde ela provém. Afinal, de onde se origina a capacidade anímica de amar ou odiar?

Mais uma vez, o texto não é muito claro, mas coloca o amor e o ódio na base do julgar e oriundos do desejar. Desejo! E aqui Steiner vai se contrapor a toda uma nascente tradição psicanalítica, florescendo na mesma época e local com Freud, para conceituar, de forma muito acertada, o desejo não como atividade inconsciente egóica, mas muito anterior ao ego, por estar na base do processo de subjetivação. E se dissemos acima, corroborando Steiner, que o julgar e os sentimentos de amor/ódio são o início de toda atividade anímica, seremos obrigados a afirmar que o desejo, de onde se origina a polaridade amor/ódio, só pode ser anterior à subjetivação. Em outros termos, o desejo não está inserido na CPI que, como já foi visto comporta a consciência egóica de uma individualidade encarnada e será objeto de estudo de Freud e seus discípulos. Nos resta posicionar o desejo na CI, a consciência individual espiritual que integra todas as vidas encarnadas numa singularidade espiritual contínua no Tempo. Vamos associar o desejo, portanto, não aos processos inconscientes egóicos da CPI, mas ao fluxo da CI, em outras palavras: desejo é a manifestação do carma na CPI.

Essa é uma questão que deixaremos em aberto, para futuros aprofundamentos, não por carecer de importância, mas por escapar ao objetivo principal deste estudo. Afinal, toda essa volta foi necessária para podemos conceituar a representação mental. Seria muito mais fácil se Steiner já abrisse uma palestra qualquer dizendo ser a representação mental... Mas sabemos que ele não oferece esse tipo de conforto às nossas mentes viciadas em lógica. Não gostava de conceituar, mas de aproximar seus ouvintes a imagens, construía suas explicações pela via etérica das imagens. O que nos ensina a pensar, mas também nos obriga a longas idas e vindas por incontáveis palestras e textos. Vamos reter a conceituação de representação mental como estrutura

anímica básica do pensamento formada a partir da ação inicial do julgar e deixemos a palestra “Os Aspectos Corpóreo, Anímico e Espiritual da Vida da Alma” para desembarcarmos em outra de título “O Espelhamento Pré-Natal e Pós-Morte no Âmbito Anímico: Imagem e Germe”.

Aqui, Steiner parte da ideia de representação mental sem nenhum interesse na conceituação prévia, não está preocupado em explicar em que ela consiste, mas sim em associá-la à imagem. Por ser uma imagem, não possui a representação mental realidade objetiva. Mas se é uma imagem, o que ela reflete? O passado, diz Steiner.

“Representar mentalmente é a imagem de todas as vivências que tivemos antes do nascimento, ou até antes da concepção (...) a existência entre a morte e o novo nascimento reflete-se na vida atual, e esta reflexão é o representar mentalmente”
 (“O Espelhamento Pré-Natal e Pós-Morte no Âmbito Anímico: Imagem e Germe” –
pág. 91)

Então, tudo o que foi vivenciado pelo indivíduo em seu longo passeio pelas esferas planetárias até a meia-noite cósmica e depois de volta pelas mesmas esferas até a Terra será espelhado na forma de representações mentais. Em outras palavras, é o carma elaborado na ida e vinda pelas esferas o que se reflete na vida atual a partir da existência prévia ao nascimento.

Concentremo-nos na ideia de ser o carma o que flui da CI par a CPI. Vimos como atritos nesse fluxo criam o que estamos chamando de representação mental. Estamos a nos aproximar, então, dos mecanismos de transmissão pelo qual o carma flui através do Tempo de uma a outra vida. Mas vamos com calma, há ainda muito o que caminhar.

Se concordamos em estar a representação mental relacionada ao que flui pela via da CI, podemos agora associar, sem equívocos, a representação mental ao passado. Contudo, se quisermos ser rigorosos, precisamos entender melhor essa afirmação. Steiner vem em nosso auxílio. Ele explica a formação das representações mentais a partir da antipatia por tudo que emana da vida espiritual prévia; nessa vida encarnada, desenvolvemos antipatia a esse fluxo, caso contrário não nos seria possível construir uma CPI. Dessa forma, é necessário esquecermos o que flui pela via da CI, e o que daí emana é literalmente refletido de volta. O resultado final desse processo é a imagem na forma de representação mental. Podemos entender esse fenômeno do reflexo como atrito entre os distintos fluxos de consciência, atrito que origina a representação mental. A ideia não é nova. Platão, mais de dois mil anos antes, já havia descrito, ao seu jeito, esse fluxo no qual se inserem as representações mentais quando no Diálogo “Mênon” põe Sócrates para mostrar a interlocutores ser possível extrair de

um escravo noções de geometria a partir do que este traz em imagens de sua vida pré-natal; na linguagem de Platão, por seu passeio pelo Mundo das Ideias. Mas em Steiner a questão ganha dimensões mais amplas porque à representação mental ele vai opor a vontade.

Se ficou estabelecido estar a representação mental relacionada ao passado, é preciso também entender por que está a vontade relacionada ao futuro.

“Vontade é o germe do anímico-espiritual tal qual este desabrocha, depois da morte,
no mundo do espírito”

(“O Espelhamento Pré-Natal e Pós-Morte no Âmbito Anímico: Imagem e Germe” –
pág. 93)

De forma polar à representação mental ligada à antipatia pelo que flui da CI, Steiner associa a formação desse germe à simpatia. Simpatia pelo que irradia da vida após a morte para a vida atual encarnada.

Aqui é necessária atenção! Não podemos passar por afirmação como essa de forma desatenta. Entender a representação mental como algo que irradia de vidas passadas, do passado, é simples. Para nós habituados à verdade da reencarnação não há aqui nenhum problema. Mas admitir que algo flui do futuro já não pode ser tão simples! Porque se vamos aceitar que o que constitui o processo de subjetivação da CPI é a representação mental e a vontade, que uma flui do passado enquanto a outra do futuro, e que isso nada mais é que o carma, precisamos afirmar que o carma quebra a regra conceitual do tempo cronológico, norma que estabelece um fluxo natural do passado ao futuro. Essa conclusão não é nova, na sabedoria oculta não há mesmo apenas a dimensão cronológica para o Tempo. Os gregos possuíam cinco conceituações diferentes para se expressar acerca do tempo, o cronológico era apenas um deles, e aqui, nas polaridades representação mental/vontade, passado/futuro, antipatia/simpatia fica clara a dimensão muito mais ampla com a qual precisamos entender o Tempo. No entanto, Steiner não nos oferece mais pistas neste sentido, não estava na palestra em questão, nem em “As Manifestações do Carma”, interessado em discorrer sobre o Tempo. Retornemos então à representação mental e a seu entendimento como manifestação do carma.

Representação mental como imagem da vida pré-natal, vontade como germe da vida futura. O conceito de germe é importante na obra de Steiner. Em “A Ciência Oculta”, o germe aparece diversas vezes, como algo surgido numa encarnação planetária com o objetivo de desenvolver-se na encarnação futura: germe dos órgãos dos sentidos que aparecem no Antigo Saturno para serem desenvolvidos posteriormente, germes de

glândulas surgidas no Antigo Sol que darão origem a todos os processos fisiológicos futuros. Em “A Eterização do Sangue” está explicado como o coração atual é um órgão em transformação, germe para o futuro; em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, estão descritos exercícios meditativos voltados ao desabrochar de órgãos que possuímos apenas em germe – correspondem aos chakras nas medicinas chinesa e ayurvédica – e que, no futuro, se tornarão realidade. O uso do conceito de germe é muito comum em Steiner, em “A Ciência Oculta” cada encarnação planetária é sucedida por um período de pralaya, de repouso, onde tudo retorna a um estado germinal original para se desenvolver novamente na encarnação seguinte. Assim, podemos ver na encarnação atual, na Terra, as fases Polar, Hiperbórea e Lemúria como repetições e desenvolvimento das encarnações planetárias anteriores – Antigo Saturno, Antigo Sol, Antiga Lua. Não repetições idênticas, mas o desenvolvimento de germes oriundos do passado que se manifestam novamente no presente visando um desenvolvimento futuro. Mas é aqui, em sua relação com a vontade, onde claramente Steiner rompe com a dimensão lógica cronológica do Tempo, pois o germe flui da vontade que provém do futuro. Atentemos para a dinâmica do fluxo representação mental-vontade, retornemos brevemente à palestra “Pensar, sentir, querer” para dela pinçar importante ensinamento.

“Essas forças volitivas, nós só as percebemos quando, por meio da morte, ascendemos ao mundo espiritual. Ali, porém, elas se encontram extremamente ordenadas. Então nós as trazemos através do portal da morte para o mundo espiritual. As forças do pensamento que nós trazemos do mundo suprassensível para a vida terrestre, essas nós efetivamente perdemos no decorrer da vida na Terra”.

(“Pensar, Sentir, Querer” – pág. 259)

O trecho acima resume várias das afirmações que temos explorado. Em primeiro lugar, as forças volitivas relacionadas ao querer, aquelas em forma de germe quando manifestas na CPI, são inconscientes, emanam do Desejo pré-subjetivo, e são, em geral, forças caóticas. Caos no sentido de potencialidade aberta ao infinito, ao futuro. São essas forças volitivas, recebidas de Tronos, Querubins e Serafins nas esferas planetárias supra-solares ainda na forma caótica, transmutadas ao longo da descida para a Terra. Quando finalmente chegam à esfera terrestre já tomaram a forma, a partir da ação dos seres da Terceira Hierarquia, de representações mentais. É assim que anjos, arcanjos e arqueus organizam as potências caóticas recebidas das mais altas hierarquias, são elas que na forma de forças do pensamento trazemos conosco do mundo espiritual para a vida terrena. Quando morremos e migramos pelas esferas à

meia-noite cósmica carregamos conosco o germe do futuro, quando de lá retornamos já o trazemos transmutado e esquecido na forma passado.

Consideremos, agora, essa vida atual encarnada. Já ficou claro que o que tenho em minha mente na forma de representação mental é a imagem do que flui de vidas passadas. Constitui-se a partir do ato de julgar que une uma ideia a outra e confere lógica racional à imagem. O pensar lógico está ligado ao passado, acabamos de ver o porquê. Consideremos agora a vontade. Ela não flui apenas pela via das representações mentais oriundas do passado descrita acima, emana também de intenções futuras e se atualiza na vida atual na forma de germe; a esse tipo de cognição Steiner nomeia inspiração. É porque se para o pensar o passado utilizamos o Eu, o corpo astral e o corpo etérico; para querer o futuro usamos apenas o Eu. Passa pelo Eu o caminho para acessar o querer futuro emanado pelas altas hierarquias cósmicas. Só quando silenciarmos os corpos astral e etérico podemos ouvir o que ressoa das esferas. Então se produz a vontade, e esse germe de vontade é o que passa ao futuro pela via do carma, para a próxima vida encarnada, flui de uma CPI para a seguinte através da via da CI. E o recebemos do passado quando reencarnamos na forma das representações mentais. Temos um fluxo sempre contínuo e em dois sentidos entre representação mental e vontade, entre passado e futuro, entre algo que ainda não foi e que se manifesta nessa vida atual como germe futuro, mas que, para a vida futura de onde emana, já é passado. Está quebrado aqui o sentido cronológico do Tempo. Quando consideramos o carma e suas manifestações somos obrigados a entender o Tempo em sua dimensão contínua, algo que flui tanto da representação mental para a vontade, como da vontade para representação mental, e ao mesmo tempo. É a única forma de serem respeitadas aquelas três leis gerais do carma enunciadas no início: a relação de causa e efeito, o efeito retroage sobre a causa, e o ente que produziu o efeito e sobre o qual retroage a causa é o mesmo. Se não quebrássemos a cronologia do Tempo não seria possível o respeito a essas leis.

UM EXTRATO DE CORPO ETÉRICO PARA VIAJAR NO TEMPO

No capítulo III de “As Manifestações do Carma”. Steiner apresenta outro entendimento pelo qual atos de uma vida passam através do carma a uma vida futura. Explica ser o corpo astral o responsável pela abertura ao mundo exterior, quanto mais ele penetra o organismo, mais este irá interagir com o ambiente externo. No ser humano isso acontece de forma que as vivências exteriores sensoriais e também as consequências dos atos e relacionamentos nas formas de simpatia e antipatia serão profundamente marcadas no corpo astral. E também no corpo etérico, dada a intimidade entre ambos. Dessa maneira, o corpo etérico humano está em relação dinâmica com o

corpo astral, e se modifica a partir de atos certos ou errados, verdadeiros ou mentirosos. Os efeitos desses atos incidentes sob o corpo astral vão também se gravar no corpo etérico.

Após a morte e o abandono do corpo físico às forças terrenas, o corpo etérico permanece ainda unido ao corpo astral e ao Eu por poucos dias até se deteriorar; porém, não totalmente. Um extrato de corpo etérico permanece unido ao corpo astral e ao Eu.

“Nesse extrato de corpo etérico está contido, como numa essência, o que, por exemplo, entrou na existência a partir de uma vida dissoluta, ou o que o indivíduo assimilou como resultado de um pensar, atuar ou sentir correto ou incorreto. Tudo isso fica contido neste extrato etérico, e o indivíduo o carrega até o novo nascimento, quando ele retorna à existência física e a essência de seu corpo etérico anterior flui para o novo, permeando sua estrutura. Por isso, em sua nova encarnação, o indivíduo traz, no corpo etérico, os resultados do que viveu em sua vida anterior. E como o corpo etérico é o edificador do organismo, tudo isso se gravará também em seu corpo físico”.

(“As Manifestações do Carma” – págs. 62 e 63)

Pausa para reflexão.

É necessário respirar essas ideias e metabolizá-las com calma.

Trata-se de um ponto de inflexão, fundamental para compreender as manifestações do carma, e sua implicação no processo de desenvolvimento de doenças. O que está sendo dito é que um extrato de corpo etérico permanece ligado ao Eu após a morte e, por essa via, viaja no Tempo de uma encarnação à outra. Muitas aberturas teóricas se iniciam aqui, é preciso escolher quais os caminhos queremos trilhar, quais deixaremos para outra chance. Uma dessas aberturas é para a genética e a hereditariedade.

“O corpo etérico possui por si a força para produzir o que traz do passado”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 63)

Sabemos serem as forças etéricas que se transmutam, a partir do segundo setênio, em forças do pensar. Sabemos estar o pensar lógico calcado na associação ordenada de representações mentais. Já fizemos a associação entre pensar lógico e representações mentais com o passado. Mas as forças etéricas, no primeiro setênio, são principalmente forças formativas, de construção do corpo físico, e a expressão deste impulso formativo no corpo físico ocorre através dos genes. O código genético é a

expressão física das forças etéricas, e se herdamos nossos genes de um lado de nossa mãe e de outro de nosso pai, Steiner está postulando uma terceira via, uma via que não provém do fluxo da hereditariedade, mas se origina da vida passada, de um extrato de corpo etérico que, ligado ao Eu, flui através do Tempo para a encarnação seguinte, uma terceira via que vem se somar às outras duas reconhecidas pela ciência biológica, uma via cármica.

Mas Steiner não explora esse caminho. Está concentrado em construir uma teoria para o que emana pela via do carma individual, ou seja, de uma encarnação à outra através da CI. Já sabíamos que um extrato de corpo astral permanece a nossa espera na Esfera da Lua para quando reencarnarmos. Agora tomamos ciência de que também retemos um extrato de corpo etérico. Steiner não entra em detalhes sobre o destino desse extrato etérico em sua aventura no mundo anímico. Porém, sabemos que nessa vasta dinâmica que se estende pelo Kamaloka e o Devachan o anímico humano vive as mais intensas experiências ligadas à simpatia e à antipatia, ao amor e ao ódio. Tudo ocorrido durante a vida terrena, todos os afetos são agora vivenciados sem véus, sem disfarces. Se na vida terrena é característica da CPI a presença de inúmeros mecanismos egóicos que turvam a clareza do entendimento acerca de seus atos, pensamentos, sentimentos e condutas, no mundo anímico predomina a transparência da CI. A aproximação entre as duas formas de consciência, ainda durante a encarnação terrena, é o objetivo de todo processo iniciático. Pela via da meditação, seja qual for sua forma, a pessoa pode silenciar progressivamente o ego e elevar-se em direção a essa consciência mais espiritualizada. Isso é muito importante, como ainda veremos, para o processo de cura das doenças. Por ora, vamos nos deter na construção desse processo. Em sânscrito há um termo para a construção desta ponte que liga o ego ao Eu, os hindus a chamam de Antahkarana.

Steiner manteve na composição do arcabouço teórico da Antroposofia alguns termos em sânscrito, como o Kamaloka, Devachan, pralaya e tantos outros. Contudo, alguns ficaram de fora. Entre estes o que sinto mais falta é do Antahkarana. Steiner, entretanto, não deixou de abordar o tema com suas próprias palavras. Em “A Eterização do Sangue” a mesma ideia de Antahkarana é manifestada na imagem da constante eterização do sangue físico humano. Em diversas oportunidades, Steiner associou o Eu ao sangue, o instrumento do Eu no plano do corpo físico, substância material pela qual o espírito circula pelo organismo físico. Esse sangue tem por tendência um contínuo processo de espiritualização, de sutilização e Steiner postula uma corrente do coração à glândula pineal por onde o sangue físico se eteriza e flui de um órgão ao outro. É um processo contínuo, um germe que formará, no futuro, órgãos capazes de perceber o Cristo etérico em seu retorno à Terra. Porque se, há dois mil anos, Cristo se manifestou

na forma física apreensível à humanidade então mergulhada profundamente na materialidade, no futuro Ele retornará na forma etérica. Estamos desenvolvendo a capacidade para receber esse Cristo em nós, a construção do Antahkarana hindu, a ponte entre o ego e o Eu. Eu, a centelha divina no interior humano, o Cristo em nós. O processo de sutilização da matéria na região do coração, a transformação do sangue físico material em substância etérica, prepara o ser humano para o futuro. Essa ação sobre o sangue é um processo guiado pelo Eu, logo, relacionado à vontade e, como vimos, a vontade produz germes apontados ao futuro. Já dissemos, lá em cima, que o coração é um órgão em plena metamorfose evolutiva, Husemann e Wolff mostram essa verdade através da morfologia e da embriologia. Mas não é somente o órgão físico que está em evolução; no ser humano atual, terreno, ocorre profundo movimento evolutivo também no âmbito etérico, de transformação do coração etérico, o que reproduz, no microcosmo humano, eventos macrocósmicos. Aqui chegamos ao Mistério do Gólgota, evento central na cosmogonia de Steiner.

No ato da crucificação de Jesus de Nazaré, durante o martírio de seu corpo físico, o sangue físico escorreu das chagas para a terra. Ao longo desses últimos milênios, esse sangue antes físico passa por contínuo processo de eterização; ao encontrar o corpo etérico da Terra se sutiliza e forma com este um corpo único envolvido na evolução do planeta. Um evento, portanto, relacionado a toda evolução do Cosmo. Evento macrocósmico que o ser humano reproduz em seu coração, em dimensão microcósmica, a cada instante de sua vida. A construção da via crística, a formatação do Antahkarana, o conhecimento do Eu pelo ego consciente.

“Devido à presença do sangue etérico de Jesus de Nazaré no corpo etérico da Terra, esse mesmo sangue flui na corrente do sangue humano eterizado que ascende do coração ao cérebro; encontram-se a corrente sanguínea humana propriamente dita e a corrente sanguínea do Cristo Jesus. Mas uma ligação dessas duas correntes só vem a ocorrer quando a pessoa tem um entendimento correto daquilo que está implícito no impulso do Cristo”.

(“A Eterização do Sangue” – pág. 23)

Compreender, então, o impulso do Cristo, acessar o Eu pelo caminho do ego, construir a ponte que liga ambos, Antahkarana.

Wesley Moraes em seu livro “Ocultismo” usa com muita propriedade a ideia de Antahkarana. E faz essa associação do conceito hindu ao pensamento de Steiner.

“O Antahkarana é construído de encarnação em encarnação e vai se aprimorando através dos ciclos reencarnatórios. O que se apresenta em termos éticos numa encarnação vai sendo transmutado em impulsos para o belo, o bom e o verdadeiro no Antahkarana que é conservado entre duas encarnações como uma semente e constitui uma parte do Eu. O Antahkarana também contém o corpo causal que é a memória do Eu de suas diversas encarnações e lições assimiladas em cada uma delas. (...) O Antahkarana se ancora no coração etérico do ser humano encarnado. Daí a imensa importância ressaltada por ocultistas como Rudolf Steiner a respeito do coração etérico como sendo o órgão moral do espírito encarnado”.

(“Ocultismo” – págs. 83 e 84)

Resta-nos concluir que associar o Antahkarana a um processo de eterização nos remete de volta àquele extrato de corpo etérico que atravessa as encarnações humanas, que retém informações de uma vida e as transmite à vida terrena seguinte. De pouco em pouco se constrói esse caminho até finalmente chegarmos ao portal por onde se alcança o Cristo. Em seu livro “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, Steiner diz ser esse o momento em que encontramos o Grande Guardião do limiar, limiar do mundo espiritual, onde nos aguarda Cristo. Quando finalmente o caminho do Antahkarana chega ao Eu. E trata-se de um processo de construção etérico, de sutilização do sangue; e lembremo-nos, o etérico é o responsável pela retenção de memória. Memória anímica armazenada no cérebro etérico humano, memória de atos, pensamentos e sentimentos de uma vida eterizados na forma de um extrato que passa de uma vida a outra, uma ponte etérica entre encarnações, Antahkarana.

ANTAHKARANA: DO EGO AO EU

Para entendermos o Antahkarana é preciso voltar ao tempo em que o ser humano desenvolveu o ego, à Lemúria. Wesley mostra como nessa época o espírito humano terminava seu caminho no sentido da encarnação terrena.

“O espírito, ou Eu, deveria encontrar para si mesmo, para que pudesse viver no plano material como um ser biológico, uma forma vivente adequada dentro da qual pudesse expressar sua condição espiritual de consciência pensante e sensível. Esta forma evoluiu, conduzida por seres divinos criadores, na direção de se tornar um receptáculo mais perfeito possível do espírito, transcendendo a condição animal”.

(“Ocultismo” – pág. 54)

As tradições míticas de todas as culturas contam como os deuses criadores desenvolveram progressivamente esta passagem do animal ao ser humano. Essa história está escrita nos Vedas hindus, relatada nas mitologias grega, nórdica, germânica e celta, na Bíblia e na Cabala, e foi contada nas rodas ao redor das fogueiras entre tupi-guaranis e africanos. Darwin também discorreu sobre o assunto, porém, foi somente capaz de entender a via evolutiva biológica até o homo sapiens, não percebeu que, para além desta via ascendente, também há uma via emanativa descendente, do ser espiritual em direção ao ser humano. Na mitologia bíblica cristã esse momento fundador do ser humano consciente de si é representado por Adão: o anthropos, antes animal, se torna humano.

Isso aconteceu no tempo que Steiner nomeia como Lemúria, quando o anthropos transcende a consciência animal característica da Antiga Lua e adquire a consciência do pensamento lógico racional. É o momento da mítica expulsão do paraíso, momento em que Adão come do fruto da árvore do conhecimento; deixa de se nutrir apenas da árvore da vida de onde retirava o alimento etérico que evitava a morte e as doenças em privilégio do fruto do conhecimento que causa desgaste etérico e, como consequência, traz a doença e a morte.

É claro que a morte e as doenças já existiam, pois Adão, antes de se tornar Adão, era um animal. Contudo, ainda não estava inscrito no ciclo de reencarnações que insere o ser humano na dinâmica do carma. Antes de se tornar Adão, o anthropos ainda não era um ser espiritual individualizado, pertencia à alma-grupo e o contexto no qual adoecia e morria não o ligava aos processos do carma. Mas o que importa aqui não é destrincharmos a verdade nos fatos e apontarmos nosso dedo científico a incongruências mitológicas. Mais fundamental é esquecermos o vício acusatório de nossas mentes racionais e percebermos a verdade por trás do mito; e a verdade é que nesse momento da história do anthropos faz-se uma mudança: com a consciência de si o animal transforma-se em ser humano e recebe em seu organismo o Eu. O impulso crístico. Ele agora julga, pensa, fala e precisa escolher entre o Bem e o Mal. Torna-se um indivíduo espiritual, responsável por suas atitudes e cujas consequências retroagem sobre si mesmo, o anthropos adquire carma.

Os hinduístas e budistas possuem um termo para definir essa novidade desenvolvida por Adão, trata-se de outra bela palavra: samsara, a roda que aprisiona o ser humano em sucessivas encarnações e reencarnações, ao longo de um tempo aparentemente infinito, até que todas as necessidades cármicas estejam satisfeitas e descarregadas. Neste momento, dizem os orientais, a pessoa atinge a iluminação, o nirvana, e se retira da roda do samsara. É claro que, no atual estágio da humanidade, pouquíssimos iniciados – Buda e mais quantos? – atingiram esse ponto. É o momento

em que cessa o ciclo sucessivo de reencarnações iniciado com o carma. O ser humano não precisa mais encarnar porque não restam desenvolvimentos cármicos a serem cumpridos sob a consciência humana, é o estágio final da etapa terrestre e o indivíduo está já pronto para a nova forma de consciência em vigor no Futuro Júpiter. Para isso é necessário atravessar toda a extensão do Antahkarana, a ponte que liga o ego ao Eu.

Mas não foi só o Eu que Adão recebeu, desenvolveu também o ego. O ego, esta estrutura psíquica ainda envolta em muitos mistérios, é o ponto onde o organismo antes apenas sensciente desenvolve também a consciência lúcida e desperta. Para isso é necessário o espírito; embora sejam estruturas distintas, não existe ego sem o Eu. Podemos postular o ego ligado e influenciado pelo corpo astral animal, mas o ego também tende ao Eu pela via do Antahkarana. Esta é a via que ensina Buda. Também é a via do Cristo. E é a busca de todos aqueles que se iniciam nos caminhos do ocultismo. Precisamos, então, antes de mais nada, compreender o ego. E o ego, quem nos deu foi Lúcifer.

Em seu livro, Wesley recorre a um mito gnóstico da tradição esotérica cristã para descrever como, no início, o ancestral de Adão era um ser terrível, um animal rastejante, feito de barro, sujeito apenas aos impulsos primitivos e violentos do corpo astral. Esse animal havia sido composto por Ahrimã, em sua função criadora do mundo material.

Ahrimã é um nome emprestado da tradição zoroastrina persa, é a contraparte de Ormuzd (também chamado Ahura Mazda) o deus do Bem. Ahrimã foi o nome escolhido para simbolizar o Mal em oposição ao Bem, reúne em seu nome todo o conjunto de deuses inferiores responsáveis pela criação do mundo terreno que habitamos, o mundo físico material, o mundo onde a substância espiritual foi aprisionada na forma densa da matéria. O mundo de baixo. O Inferno. Por serem deuses pouco evoluídos na escala das hierarquias, imperfeitos, sua criação só poderia também ser imperfeita e, por isso, Ahrimã também é conhecido por ser o deus da morte, da destruição, da matéria em contínuo estado de transformação. Pois bem, foi Ahrimã quem criou os seres que habitam a Terra, entre eles aquele que mais tarde chamaríamos de Adão. Faltava a Adão, porém, o sopro divino, o pneuma, o Eu.

Para tornar este ser primitivo capaz de receber o espírito na forma de um Eu, os deuses superiores recrutam Lúcifer. Ele desce à Terra com a missão de desenvolver no anthropos a estrutura biológica cerebral apta ao pensamento lógico racional, a tarefa de tornar aquele animal formado por Ahrimã a partir do barro material em um ser capaz de individualidade, Lúcifer doa àquele ser em formação o que hoje chamamos de ego, a estrutura psíquica que permite o contato consciente com o mundo anímico, o aparato anímico sobre o qual pode apoiar-se o Eu.

É importantíssimo atentar para estes ensinamentos; por detrás de sua aparência ingênua para as crenças atuais existe nessa estória uma sabedoria fundamental. É crucial entender essa dinâmica: antes veio Ahrimã, depois Lúcifer. E é notória a associação de Ahrimã ao corpo etérico e Lúcifer ao corpo astral. O mito reproduz, com exatidão, a fisiopatologia proposta por Steiner em “As Manifestações do Carma”. Ahrimã e Lúcifer se imiscuíram através do etérico e do astral no desenvolvimento humano, Ahrimã pela via do etérico, Lúcifer na formação do ego a partir do corpo astral; e as doenças, como explicamos no início deste texto, são comumente entendidas a partir da ação do corpo astral sobre o etérico, a ação de Lúcifer abre caminho a Ahrimã. Vamos estudar como isto ocorre na fisiopatologia, mas já adiantamos aqui sua raiz mítica. Steiner anunciou em diversas oportunidades a importância dos mitos, discorreu sobre as verdades ocultas em seus símbolos, temos aqui um belo exemplo. Os mitos servem para percebermos como podemos perceber Lúcifer e Ahrimã não apenas na forma de seres maléficis, mas entende-los também em seu sacrifício, sacrificaram sua evolução espiritual na obediência a comandos divinos, um sacro-ofício.

No capítulo X de “As Manifestações do Carma”, Steiner explica como o sacrifício desses seres trabalha no desenvolvimento do Cosmo do Amor. Porque se ainda não foi dito, precisa ser: a Terra corresponde ao Cosmo do Amor. Se a Antiga Lua corresponde ao Cosmo da Sabedoria – missão encerrada no advento da consciência racional em Adão, quando a Lemúria reproduz a Antiga Lua – na encarnação planetária atual o objetivo não é outro senão o amor. Lúcifer e Ahrimã estão, então, numa missão cármica que trabalha no sentido do advento do amor no ser humano.

Ao observarmos a matéria, através dos conhecimentos da ciência Espiritual, até o limite de sua utilização o que encontraremos será luz. Matéria é luz condensada. O trabalho operado por Ahrimã é aprisionar a luz em uma forma material densa. Já o anímico é o amor transformado, diluído. Quando Lúcifer dota o ser humano de ego, está trabalhando o amor, diluindo-o em uma forma psíquica. Atentemos para a relação de condensação na formação da matéria e para a solvência na formação do anímico. É o processo alquímico polar sal/enxofre que está na base de toda a Medicina Antroposófica e que vai orientar o entendimento do que Steiner nomeia doenças luciféricas e ahrimânicas, podemos adiantar: inflamação/esclerose, anabolismo/catabolismo. Na tradição ocidental e Rosacruz, quem eternizou esses conceitos para as doenças foi Paracelsus. Mas isso, vamos estudar mais à frente, o mais importante é entender o que Steiner quer nos dizer quando afirma ser amor e luz os dois elementos que permeiam toda existência terrena.

“Amor como existência terrena anímica, luz como existência terrena material. Surge, nesta altura, o que deve existir como um mediador entre os elementos luz e amor, que entretece um ao outro elemento. Esse deve ser um poder que não possua um interesse particular pelo amor, introduzindo, portanto, a luz no elemento do amor; que só tenha interesse em dar a maior difusão possível à luz, fazendo, pois, irradiar a luz para dentro do elemento do amor. Tal poder não pode ser terreno, pois a Terra é justamente o Cosmo do Amor. A Terra tem a missão de entretecer tudo com amor. São as entidades luciféricas que possuem tal interesse, elas permanecem no ciclo da Lua, ao Cosmo da Sabedoria”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 172)

Pausa.

É preciso fôlego para acompanhar Steiner. Respiremos um pouco seus ensinamentos.

Até agora, apresentou as entidades luciféricas como seres ligados ao mundo da Antiga Lua. Interessados na luz, pertencente a esse mundo, e desconhecedores do amor. Mas, sabemos que irão dotar o ser humano de ego, e acabamos de dizer, e foi Steiner quem nos ensinou, que o anímico é o amor diluído; de alguma forma, então, Lúcifer vai necessariamente ter de se a ver com o amor.

“Elas (as entidades luciféricas), sim, têm particular interesse em entretecer a luz ao amor. Por isso, os seres luciféricos estão, de fato, atuando em toda parte onde nosso interior, que em verdade é tecido de amor, entra de algum modo em relação com a luz”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 172)

Vemos aqui Lúcifer atuando como intermediário entre a luz e o amor, como o elemento que coloca os dois em interação. Vai produzir o ego a partir do elemento material, a partir da luz, ao entretece-la ao amor. Agora o ser humano está pronto, apto a receber o espírito em si de forma encarnada. É o sopro divino mencionado na Bíblia. Está completa a Criação, e seu resultado é Adão, e o carma, e a roda do samsara. E nossa missão é construir o Antahkarana, a ponte de conhecimento espiritual e amoroso que irá unir o ego luciférico ao Eu crístico. Todo terapeuta tem a sagrada missão de auxiliar aqueles que buscam sua ajuda para executar essa tarefa, o sacro ofício de redimir a matéria ahrimânica de volta ao espiritual, libertar também Lúcifer de seu enclausuramento no instrumento anímico do humano, o ego. Libertar Ahrimã, de seu árduo trabalho de construir e destruir a matéria. É a vez do ser humano realizar o sacro-

ofício, e o caminho é o amor, o caminho ensinado por Cristo, a eterização do sangue, o Antahkarana. Temos clara, agora, a missão do homem terreno, nossa missão cármica: construir a ponte entre o ego e o Eu para libertar os seres espirituais que se sacrificaram no intuito de proporcionar-nos os instrumentos necessários para a construção do Cosmo do Amor. Adoecer, mostraremos, é tentativa de ativar este processo quando há dificuldades. E como há dificuldades! Quando o ego não entende a mensagem cármica cantada pelo Eu, quando é surdo às necessidades cármicas de uma encarnação, enquanto ainda fraca a construção de seu Antahkarana, Lúcifer e Ahrimã se manifestam na forma de doenças. Então, podemos concluir o que Steiner nos conta já no primeiro capítulo de “As Manifestações do Carma”, e também no último: o carma de cada ser humano individual está íntima e irremediavelmente interligado ao carma de cada uma das hierarquias espirituais e do Universo como um todo. Vejamos como as doenças se inserem nesse processo.

UMA BREVE DIGRESSÃO ANTES DAS DOENÇAS COMO MANIFESTAÇÕES DO CARMA

É importante perceber o deslocamento operado na interação Lúcifer-Ahrimã, pois, geralmente, essa dupla de seres caídos é encontrada, como antecipado acima, em uma relação polar. O princípio luciférico ligado ao enxofre, aos processos de sutilização, e o princípio ahrimânico atrelado ao silício, condensação, correspondem à todas as polaridades da medicina antroposófica: inflamação/esclerose, quente/frio, seco/úmido, anabolismo/catabolismo, histeria/neurastenia, enfim, Lúcifer/Ahrimã. Em “As Manifestações do Carma” essa polaridade é nota constante, guia-nos o raciocínio. Mas em suas páginas não encontramos Lúcifer constantemente seduzindo o ser humano a esquecer o mundo terreno e a viajar à dimensão espiritual, nem Ahrimã a corromper o humano na matéria, a induzi-lo à materialidade telúrica em oposição ao espírito. Duas forças polares em contínua batalha no humano. Em “As Manifestações do Carma”, Steiner apresenta essa polaridade no contexto do adoecimento humano. Em outras palestras, porém, assume um tom mais imagético.

Na quinta palestra de um ciclo nomeado “Planetary Spheres and Their Influence on Mans Life on Earth and in the Spiritual Worlds” (GA 218) Steiner associa Lúcifer aos fenômenos do ar e do calor. E diz estarem esses seres muito interessados nos aspectos morais que constituem o ser humano.

“Em sua opinião (a dos seres luciféricos) seria melhor para o homem não possuir um corpo físico – em nenhum grau um corpo que partilhe dos elementos água e terra.

Se pudessem ter formado o homem de sua própria maneira, o teriam feito pura e simplesmente um ser moral”

(“Planetary Spheres and their Influence on Mans Life on Earth and in the Spiritual Worlds” – 5ª palestra (GA 218))

Então Lúcifer nos doou o ego, mas é também um ser egoísta; no sentido de que nos quer só para ele, em seu elemento aéreo-calórico, espiritual, distante do mundo telúrico aquoso e terrestre. Mas dessa forma não poderia exercer o ser humano a liberdade, o intuito original que motivou a construção do ego. Lúcifer em sua mesquinhez arruinaria tudo e aprisionaria o ser humano eternamente sobre sua influência se a seu poder não se opusessem as forças de Ahrimã. Porque os seres ahrimânicos vivem na terra e na água, e lutam contra os seres luciféricos para possuir o ser humano em seus elementos. Querem criar em nós um interesse cada vez maior por habilidades e inteligência terrena, atrair-nos a uma vida dissoluta, corrompida na matéria, uma maneira de estar no mundo físico-sensível de forma não-espiritual. Ahrimã quer dar forma a uma sub-raça humana que, após a morte, permaneça aferrada à terra e à água e não se interesse por retornar ao mundo espiritual suprassensível, que permaneça em um estado subsensível atrelado à matéria, autômatos sob o poder de Ahrimã, até que a Terra esteja toda povoada por esses seres e não possa seguir seu caminho em direção ao Cosmo do Amor, de forma que a Terra não cumpra seu destino de se dissolver e se dispersar no espaço cósmico. Ahrimã quer aprisionar a Terra, interromper sua evolução cósmica, e usa o ser humano nesse intuito.

“Por essa influência, após a morte o homem caía sob o domínio de potências que o levavam a manifestar-se apenas como um ser dedicado ao mundo sensível terrestre (...) sentir-se sob o poder de Ahrimã e ser excluído da comunhão com o mundo espiritual”

(“A Ciência Oculta” – pág. 196)

São descrições de Lúcifer e Ahrimã que provocam arrepios. Seres demoníacos, maléficos, com interesses próprios, contrários à evolução sadia do ser humano. Seres que querem cristalizar o humano em sua polaridade: se depender de Ahrimã, terminaremos como zumbis terrenos, corpo físico destituído de espírito; por Lúcifer nunca mais encarnaríamos na Terra, alcançaríamos a meia-noite cósmica após a morte e a migração pelas esferas e lá permaneceríamos como espíritos sem corpos apenas a contemplar as estrelas fixas. Obviamente que ambas as opções malignas paralisariam o processo cármico. E isso não é compatível com a evolução do Cosmo.

Steiner mostra, na citada quinta palestra de “Planetary Spheres and their Influence on mans Life on Earth and in the Spiritual Worlds” (GA 218) como Lúcifer e Ahrimã fracassam constantemente em seu intuito. E como o impulso de Cristo vem em auxílio do ser humano para orientar-lhe o caminho no sentido da evolução cósmica. É trabalho das divindades superiores guiar o carma humano no sentido almejado pela mais altas hierarquias. E é uma estória complexa, envolve a ação de todas as hierarquias em um drama de vontades e sacrifícios, estórias que iluminaram o início da humanidade.

“Eu sou o divino eterno que você sente em si”
 (“Disease, Karma and Healing” – pág. 96)

Este é o primeiro dos dez mandamentos enviados por Yahweh a Moisés. O mais importante. Resume toda a nossa estória. Yahweh é um Elohin, um Espírito da Forma, Exusiai, ser da segunda hierarquia, pertencente à Esfera Solar. E ele está dizendo ao humano Moisés, que existe um Eu dentro de cada ser, basta olhar para dentro e lá o encontrará. Moisés ouve a voz divina e anuncia ao povo hebreu que foi-lhe mostrado o caminho do Eu, a via que leva ao Cristo. Yahweh mostrou a Moisés como construir o Antharkarana. E Moisés contou ao povo, e os liderou numa jornada de quarenta anos pelo deserto.

O povo hebreu teve muito tempo, duas gerações, para fortalecer em seu interior aquela ideia de habitar uma centelha divina em cada um de nós. O Eu funciona como um guia, todo ser humano pode procurar em seu próprio interior a luz que resplandece das altitudes mostradas por Yahweh, o caminho para a construção do Antahkarana. E Moisés os guiou pelo deserto até a Terra Prometida.

“Yahweh é o ser que derramou a gota divina em cada individualidade humana”
 (“Disease, Karma and Healing” – pág. 98)

Nessa palestra, Yahweh oferece ao povo hebreu o conhecimento do Eu na forma de mandamento há pouco mais de três mil anos. Mas, o fato é que as hierarquias já trabalhavam nesse intuito muito antes, tanto que, ainda na Lemúria, quem se opõe a Yahweh é Lúcifer.

“E foi o trabalho dos Espíritos da forma dotar o ser humano de um Eu na Terra de maneira que pudesse se tornar independente por distinguir-se do entorno. Mas, apesar de se tornar independente do mundo externo circunjacente, o ser humano não

teria nunca alcançado independência em relação a esses Espíritos da Forma. Ele teria permanecido confiante neles, governado e guiado por eles como se puxado por fios. Tal não ocorreu devido a ação, em alguns aspectos benevolente, de seres luciféricos em oposição aos Espíritos da Forma na Lemúria. Esses seres luciféricos nos deram a possibilidade da liberdade, embora, ao mesmo tempo, tenham inculcado em nós a capacidade para o Mal, a possibilidade de deterioração em paixões sensuais”.

(“Disease, Karma and Healing” – págs. 184 e 185)

Lembremo-nos: Na Lemúria Lúcifer atuava na construção do aparato neurossensorial-anímico que se tornaria o ego humano, E, agora sabemos, se oporia a ação totalizante dos Espíritos da Forma sobre a alma humana. Os Elohins nos deram o Eu, mas nos aprisionariam em sua luz, não fosse o livre-arbítrio oferecido pelo ego luciférico. E Deus expulsa Adão do Paraíso, por comer da maçã e se atrever a olhar para os lados, por não permanecer absorto na emanção divina, por olhar para Eva e enxergar nela um outro Eu, diferente de si, mas também um Eu. E perceber que o mundo está pleno de Eus, que o divino está em si mesmo e em cada um que lhe rodeia e não apenas nas alturas cósmicas. Esse Adão dotado agora tanto de Eu quanto de ego começa a se interessar pela terra ao seu redor, lhe agrada seus gostos e seus cheiros, sua sensualidade e seus caprichos. Não fosse pelo ego tecido em nosso interior anímico por Lúcifer, os Espíritos da Forma teriam tomado conta do corpo astral humano e seríamos sua imagem e semelhança. Essa passagem de nossa história na Terra nos dá a dimensão da importância do ego tecido por Lúcifer.

“O homem só pode tornar-se livre acrescentando a esse Eu, um outro eu (o ego), sempre capaz de oscilar para o lado do Bem e para o lado do Mal, mas também de sempre aspirar ao que constitui o conteúdo de toda evolução terrestre. O eu inferior tinha que ser acrescentado ao homem por Lúcifer, para que o esforço do homem para elevar-se ao Eu superior pudesse ser uma ação fundamentalmente sua.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 193)

Vemos Lúcifer então a nos ensinar a liberdade. E a orientar o humano acerca dos caminhos no mundo espiritual. Yahweh nos dotou da capacidade para o Eu, mas não é ele o Eu. A natureza sedutora de Lúcifer, porém, é outro risco em nosso debate no mundo espiritual. Afastado da orientação sempre para cima de Yahweh e sob a influência de Lúcifer, arrisca-se o ser humano a se perder nas tentações prazerosas do

mundo sensorial. Então, os Espíritos da Forma nos presentariam com as doenças, a possibilidade de adoecer.

“Os espíritos luciféricos nos deram o desejo sensual; os seres superiores, por adicionar a doença e o sofrimento na ordem dos desejos sensuais e dos interesses sensórios, introduziram um remédio para impedir que caíssemos completamente sob a influência do mundo sensorial”.

(“Disease, Karma and Healing” – pág. 185)

Tais acontecimentos tiveram lugar na antiga Lemúria, e Ahrimã só aparece na história já em meados da era Atlântica. Quando corrompeu o ser humano com a materialidade do mundo físico. Enquanto Lúcifer e Yahweh tentavam o humano com a espiritualidade dos mundos terreno e divinal, Ahrimã introduz uma sedução diferente: nada mais é espírito, tudo não passa de matéria.

Podemos ver que se quisermos pensar em polaridades, teremos que considerá-las múltiplas e enxergá-las por vários ângulos. E é facilmente verificável também aquela hipótese lá acima de serem Lúcifer e Ahrimã influências oriundas de esferas distintas do tempo cronológico da Terra. Lúcifer veio antes e depois se imiscuiu Ahrimã. E habitam polaridades distantes. Lúcifer peleja no campo anímico dos espíritos, Ahrimã quer o ser humano interessado no mundo físico da matéria. E são as doenças, enviadas pelas hierarquias mais altas, que nos protegem das tentações do Mal incorporadas nas figuras de Lúcifer e Ahrimã. Quando nos ligamos em demasia ao polo de uma ou outra entidade maléfica, as doenças nos libertam. Assim, são as doenças processos polares: Lúcifer de um lado, Ahrimã do outro. E como via para atingir o equilíbrio está o Cristo. Saúde é equilíbrio entre Lúcifer e Ahrimã, quando a pessoa não se corrompe nem ao afastamento da Terra nem à submersão nela, quando enxerga o caminho de Cristo e introjeta em seu microcosmo a dinâmica do Universo e integra em seu corpo físico material o espírito. Já dissemos: saúde é o correto equilíbrio e interpenetração entre os corpos físico, etérico, astral e o Eu. Doenças luciféricas hipertrofiam o astral e o Eu através dos elementos ar e fogo. Doenças ahrimânicas hipertrofiam o físico e o etérico por intermédio da terra e da água. As primeiras tendem aos processos de solvência, as segundas aos de condensação.

Mas não só em polaridades vamos encontrar Lúcifer e Ahrimã. É preciso ler também a relação hierárquica, não-polar, e o texto de “As Manifestações do Carma” está pleno delas. Porque Steiner era o primeiro a reconhecer em Lúcifer e Ahrimã origens distintas para seus sacrifícios. A de Lúcifer aconteceu durante a Antiga Lua, seres que deveriam ter evoluído para a Terra na forma dos anjos, mas desviaram-se

em seu caminho para um estado supra-humano, mas não exatamente angelical. Um desvio da norma, portanto, não apenas uma mudança quantitativa, como de uma hierarquia à outra, de ser humano na Antiga Lua à anjo na Terra, mas um desvio qualitativo, um sacro-ofício, uma nova norma, um ser supra-humano, mas não anjo; qualitativamente diferente, diria Canguilhem se iniciado nos mistérios. E o mesmo vale para Ahrimã, só que seu sacro-ofício se inicia no Antigo Sol. Quando também passava pela hierarquia humana desviou-se de sua evolução normal esperada para encontrar outro percurso qualitativo, hoje os seres ahrimânicos seriam arcanjos, mas não são, se desviaram no Antigo Sol e hoje conferem uma qualidade diferente à evolução cármica, à evolução do Cosmo. Steiner desenvolve esse tema no capítulo VII de “As Manifestações do Carma”.

“Sabemos que na Antiga Lua viveram seres que do mesmo modo, naquela época, passaram por seu estágio humano tal qual estamos passando no decorrer do ciclo da Terra. Esses seres são chamados de Anjos. No interior desses seres desenrolava-se então uma luta semelhante à luciférica em nosso ser. Esses seres eram, na Antiga Lua, o palco de uma luta provocada pelas entidades que haviam ficado para trás no Sol (...) eram os seres ahrimânicos, que se atrasaram durante a evolução solar da mesma maneira como os seres luciféricos se atrasaram na evolução lunar (...) Ahrimã era o tentador no coração dos Anjos”.

(“As Manifestações do Carma – pág. 130 e 131)

Torno a afirmar, é fundamental para a compreensão das manifestações do carma entender a tese de que Lúcifer e Ahrimã tiveram origens semelhantes, porém, temporalmente distintas, e que o primeiro, enquanto em sua evolução humana, sofreu a ação do segundo. Porque agora, na Terra, estamos nós os atuais seres humanos e, em se cumprindo a repetição dos ciclos planetários, também desviaremos nós, alguns de nós, para caminhos outros qualitativos em nossa viagem à hierarquia dos Anjos. Ascender um degrau na escala hierárquica sempre ocorre com o sacrifício de parte dos seres em evolução. Aconteceu também com os asuras no Antigo Saturno, hoje seriam arqueus, não são. Atuaram sobre os atuais arcanjos no Antigo Sol, quando estes eram humanos, da mesma maneira que Lúcifer age na Terra sobre nós e, para os que hoje são anjos, foram o que Ahrimã é hoje para nós. E nossa missão na Terra, no Cosmo do Amor, é redimir esses seres, seja lá o que isso signifique em sua evolução cármica. Redimir todos esses seres em sacro-ofício. Qual é a finalidade dessa missão a que estamos destinados no contexto da evolução cósmica, o porquê desse carma, são

mistérios, dos mais ocultos. Entender esses mistérios são caminhos iniciáticos transmitidos pelos milênios, suas origens remontam à Atlântida.

Em “Ocultismo”, Wesley descreve como foi o Manu auxiliado pelos sete rishis quem preservou esses mistérios após o colapso do continente atlante, após o Grande Dilúvio descrito na Bíblia. O Manu é Noé, e o antigo conhecimento foi transmitido aos novos seres humanos que fertilizaram todos os continentes e floresceram como civilização, primeiro na Índia, como conta Steiner em “A Ciência Oculta”.

“Aquele iniciado emigrou do oeste para o leste, para uma região no interior da Ásia. Ele queria protegê-los (os seus discípulos nos Mistérios de Cristo) do contato com os homens menos avançados na evolução da consciência (...) desse séquito escolheu os sete melhores (...) Educou assim um sucessor do iniciado do Cristo, de Saturno, de Júpiter, etc. Esses sete iniciados tornaram-se os metres e guias dos homens que, na época pós-atlântica, povoaram o sul da Ásia, especialmente a Antiga Índia”.

(“A Ciência Oculta” – pág. 197)

Então temos essa missão, que remonta a tempos atlânticos. Quando atlantes não as entendemos, erámos ainda pouco evoluídos para absorver tais desígnios cósmicos em sua profundidade. Coube aos iniciados preservar a importância desses conhecimentos para agora, na atualidade, podermos cumprir nossa missão cármica. Para isso precisamos entender Lúcifer e Ahrimã.

“Olhando para o mundo ao redor, o homem, com Lúcifer em seu interior, tinha seu olhar perturbado, e a influência de Ahrimã imiscuiu-se nas impressões exteriores do mundo terreno. (...) Assim, a influência ahrimânica que penetrou no mundo circundante exterior aos homens era uma consequência da influência luciférica. Contendo em si as forças luciféricas, o homem absorveu a possibilidade de enredar-se mais no mundo sensorial do que o teria feito sem a influência de Lúcifer. Com isso, no entanto, criou também a possibilidade de absorver, junto com todas as percepções exteriores, a influência de Ahrimã”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 77)

Ninguém vai duvidar das polaridades inflamação/esclerose, calor/frio, anabolismo/catabolismo. Mas é preciso dizer que nem só nas polaridades se constrói a Medicina Antroposófica. Abri esse texto com a afirmação de serem as doenças a ação do corpo astral sobre o etérico. Lúcifer sobre Ahrimã, portanto; em uma relação não polar. Corpos astral e etérico não se relacionam de forma polar, embora, em suas

dinâmicas possamos aludir a várias dessas polaridades. Acabamos de citá-las. Então Lúcifer e Ahrimã possuem entre si uma relação de polaridade, com certeza, mas também uma interação temporal de complementariedade, uma dinâmica etérica-astrológica que interage com os outros membros da quadrimembração.

“Os homens não se entregariam de modo algum à influência ahrimânica se antes não se houvessem entregue à de Lúcifer (...) no que diz respeito ao interior humano, o princípio luciférico provocou uma perturbação. Ora, a maneira como o homem permite ao mundo exterior comunicar-se com ele depende do interior humano (...) Tendo-lhe sido dada uma razão para não ver o mundo exterior tal qual é, a influência ahrimânica conseguiu imiscuir-se na imagem incorreta do mundo exterior, de modo que a comunicação de Ahrimã com o homem só pôde ocorrer devido à prévia influência luciférica (...) Foi desse modo que Ahrimã conseguiu mesclar-se às imagens incorretas do mundo exterior. Ele se acercou, e por isso o homem ficou exposto a outra influência, de modo a poder não só entregar-se às tentações interiores, mas também ao engano – no julgamento e nos relatos acerca do mundo exterior – e à mentira (...) Dessa maneira, em verdade, as influências de Lúcifer e de Ahrimã nunca atuam somente por si. Elas sempre atuam uma após a outra, mantendo, de certa forma, o equilíbrio. De dentro, Lúcifer impele para fora; de fora, Ahrimã atua para dentro – e, de permeio, forma-se a imagem do mundo”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 121)

Parecem-me finalmente claras, as relações de complementariedade e polaridade em atuação conjunta, sem contradição. Lúcifer e Ahrimã estão sempre atuando ao mesmo tempo, e de permeio forma-se o estado de equilíbrio que é a saúde. A saúde como elemento mercurial a entretecer as polaridades Lúcifer-enxofre/Ahrimã-silícea. Quando este equilíbrio se rompe, quando advém uma doença como forma de manifestação do carma, forma-se uma nova relação entre essas potências polares, uma nova qualidade de equilíbrio, patológica por certo. Esclarecida esta importante digressão, vamos estudar, então, como ocorrem os desequilíbrios nesta relação e como se manifestam na forma cármica de doenças.

A DINÂMICA DAS DOENÇAS: LÚCIFER E AHRIMÃ

Foi Paracelsus quem consolidou o pensamento das polaridades na prática médica ocidental. É claro que essa forma de compreender a medicina e a cosmogonia já existia antes e remonta a tempos imemoriais. A medicina chinesa, por exemplo, é toda ela construída na polaridade yin/yang que irradia desde os tempos do Imperador

Amarelo e do Tao. No saber que remonta ao Antigo Egito, e que nos foi legado sobre o nome grego de Hermes Trimegisto, essa polaridade é apresentada na forma de um pêndulo. Mas, à época de Paracelsus, a Europa vivia a influência fragmentada do que restara da filosofia clássica grega e também ainda forte influência da escolástica e suas regras reducionistas. A medicina era toda construída sobre um modelo fragmentado de Hipócrates, sobre os quatro elementos que remontam a Empédocles. Falava-se dos humores, quatro humores, cada um deles originário de um dos elementos: terra, água, ar e fogo. Quatro órgãos básicos – pulmão, fígado, rins e coração – a partir dos quais se constrói todo o raciocínio clínico. Na medicina praticada na Europa do século XVI abundavam os elementos, faltavam as polaridades. Paracelsus criticou essa carência e, sem negar a relação entre os elementos, desenvolveu uma prática baseada na polaridade sal/enxofre.

Paracelsus foi um livre pensador, e sua prática se antagonizava a maior parte dos médicos de sua época. Viveu os ventos renovadores do Renascimento no século XVI, e o momento imediatamente anterior à eclosão do que hoje chamamos ciência. Muito de seu ensinamento foi considerado primitivo e ultrapassado pela ciência médica que se iniciou no século seguinte após a revolução do método empreendida por Descartes. Hoje, Paracelsus é apenas um nome desbotado pelo passar da História, mas o interessante é que, embora tenha perdido o papel de prestígio que ocupou à sua época, sua medicina continua a se opor ao modelo dominante vigente com todo o antigo vigor. E se não podemos usufruir de seus ensinamentos nos meios acadêmicos dominados pela ciência, ainda temos acesso a eles nos meios ocultos. O principal do que restou de seus textos está reunido em uma obra intitulada “A Chave da Alquimia” e, logo no início, já no prólogo segundo do Livro Primeiro do Livro dos Prólogos ele afirma ser a medicina dupla.

“A medicina é dupla: clínica ou cirúrgica, o que não significa que tenha duas origens distintas mas apenas duas expressões (...) A febre e a peste, por exemplo, mesmo que provenham da mesma fonte têm manifestações próprias e diferentes. Quando essa fonte, origem ou causa mórbida, expressa uma putrefação interna aparece a febre (...) ou termina se transformando em peste, quer dizer, abandona o centro do corpo e se manifesta na superfície externa do corpo (...) Toda afecção que vai do centro até a periferia deve ser considerada como física (clínica), e toda aquela que, ao contrário, ganha o centro partindo da periferia será tributária da cirurgia”.

(“A Chave da Alquimia” – págs 33 e 34)

Vemos Paracelsus preocupado em delimitar o campo de atuação das duas práticas que não dialogavam entre si na época: a dos médicos clínicos e a dos barbeiros-cirurgiões; os primeiros formados nas universidades e detentores do reconhecimento social, os médicos dos nobres e bispos, os segundos, forjados nas práticas da vida vulgar das ruas, levavam sua arte de vila em vila, numa rotina mambembe, próxima ao charlatanismo, curandeiros. Paracelsus está, no início do século XVI, alertando sobre a necessidade de fundir as duas práticas – o que só ocorreu efetivamente no século XIX, quando finalmente as práticas cirúrgicas penetraram o meio acadêmico da medicina. Mas Paracelsus está apontando mais do que isso, está mostrando como as doenças clínicas ou cirúrgicas podem ser manifestações distintas da mesma causa mórbida. E mais ainda, organizando essas manifestações em polaridades: clínica/cirúrgica, febre/peste, centro/periferia. Poderíamos acrescentar: Lúcifer/Ahrimã.

Ao partirmos de nossa compreensão científica médica do século XXI tais afirmações vão parecer ingênuas, equivocadas, estranhas. Mas se nos transloucarmos ao século XVI, quando ainda não eram conhecidas as causas infecciosas para as pestes, não teremos dúvidas em reconhecer a argúcia desse raciocínio clínico. Uma doença começa como uma febre. Neste estágio ainda pode ser tratada pela via clínica dos medicamentos. Mas, ao deixar o centro do organismo e se expandir para a periferia, esta doença deixa de ser apenas uma febre e se torna uma peste, como todas as suas manifestações externas na forma de pústulas, úlceras, supurações e outras mais. Agora os medicamentos da medicina interna – nome utilizado até hoje – não terão mais utilidade, ou serão de pouca serventia, se a doença não for abordada cirurgicamente pelas técnicas necessárias para tratar as feridas e suas purulências. O que importa aqui é perceber a dinâmica de seu raciocínio médico, pois, à época, não era tão claro esse entendimento processual da manifestação das doenças. Mas, para além dessa discussão histórica, concentremo-nos na questão das polaridades.

Ao longo de “A Chave da Alquimia” estão dispostos todos os princípios da medicina clássica: os quatro humores relacionados aos quatro elementos, também encontramos os quatro temperamentos, a relação dos sete planetas aos sete órgãos, a polaridade macrocosmo/microcosmo e muitos outros saberes que hoje associamos à Medicina Antroposófica. O que não constitui surpresa, Paracelsus pertenceu à tradição germânica rosacruz, a mesma professada por Steiner. Tradição que remete à alquimia, base, portanto, de toda a Medicina Antroposófica.

Não vamos nos estender em toda a profundidade a qual nos remete a alquimia porque suas origens remontam, uma vez mais, à Atlântida; e ao Manu e aos rishis que, como já vimos, preservaram o saber atlante para as civilizações vindouras das quais somos descendentes. À Europa Medieval a alquimia retornou através dos árabes.

Porque era conhecida pelos druidas celtas e outros xamãs, mas foi perdida, extinta ao longo da dominação romana e posterior repressão exercida pela teologia católica. Os árabes a levaram de volta. Herdaram-na através de textos gregos e influências hindus, persas e egípcias. E o que permaneceu como base desse conhecimento que chegou à Europa em algum momento da Idade Média foi a noção básica da hipóstase da substância espiritual à matéria pela via salina da condensação, e o retorno da matéria à condição espiritual pela via sulfúrica da solvência. Polaridades sal/enxofre, condensação/solvência, matéria/espírito. Toda a busca da alquimia pode ser resumida na compreensão desse processo, a tarefa do alquimista é libertar o espírito divino aprisionado no mundo material, libertação a partir do conhecimento do Cristo, Cristo é o grande alquimista do Universo, aquele que opera a função inversa e transforma a matéria caída em espírito, lemniscata, a Ressurreição de Cristo Jesus é a metáfora desse processo, o mesmo Cristo que está em nós na forma do Eu, cada Eu humano é o pequeno alquimista. A construção do caminho que leva do ego urdido na matéria ao Eu crístico, como vimos, é o Antahkarana, o coração éterico, forjado encarnação após encarnação através daquele extrato de corpo etérico. O carma é o termo que integra todos esses processos.

Paracelsus localizava esse pequeno alquimista, o Eu, no estômago, que nomeava por ventrículo. A Medicina Antroposófica corrobora, hoje, a intuição de Paracelsus ao situar no estômago o início do processo que irá digerir o alimento e, através de sua passagem e absorção pelos intestinos, transformá-lo em substância própria. Steiner descreve em “Elementos Fundamentais para uma Ampliação da Arte de Curar” esse processo pelo qual a digestão destrói o que há de astral e etérico no alimento orgânico e o conduz ao máximo de morte na forma inorgânica para então reeterizá-lo, através do Eu, e dotá-lo novamente de vida. Lemniscata. Estão reproduzidos nessa operação os processos alquímicos de condensação que leva o espiritual ao máximo de materialização para depois trazê-lo novamente ao âmbito da vida e a caminho da sutilização, a via do Cristo. Também está reatualizado nosso mito gnóstico cristão que descreve Ahrimã conduzindo o espiritual ao máximo de materialidade para depois Cristo reverter o processo de volta à espiritualidade. O Eu como o pequeno alquimista em nosso ventrículo, como explica Paracelsus, o Eu como manifestação do Cristo em nós, como mostrou Yahweh a Moisés, a reprodução do macrocosmo no microcosmo.

Esse processo macrocósmico reproduzido em nosso aparelho digestório é a imagem de nossa missão cármica, missão na realidade de todos os seres integrados através do carma universal: redimir a matéria em seu caminho de volta à espiritualidade. Esse processo está incompleto no estômago e intestinos; é que no atual estágio humano

não somos capazes de operá-lo até o fim, e é justamente esse nosso desafio cármico. Para isso é necessário criar a ponte que nos leva ao Cristo, do ego ao Eu, Antahkarana, processo que Steiner chama de eterização do sangue.

No capítulo IV de “As Manifestações do Carma”, Steiner explica a dinâmica de algumas doenças. Ele usa o exemplo da cólera para dizer que se em uma encarnação uma pessoa tenha vivido de forma a experimentar um egotismo fraco, no período do Kamaloka, ao se defrontar com as consequências dessa fraqueza, irá desenvolver seu carma de maneira a, na encarnação seguinte, ter a oportunidade de desenvolver esse sentimento mais profundo do próprio Eu. Para isso será inconscientemente atraída a situações em que seu egotismo terá que desenvolver a força para se opor aos estímulos que advêm dos corpos físico, etérico e astral. Steiner diz que nada melhor que a cólera para cumprir esta tarefa. Já a malária seria o oposto, consiste na doença mais adequada para aqueles que em encarnações anteriores desenvolveram um egotismo excessivo. Nesse caso aqueles três corpos não devem opor ao egotismo dificuldade alguma, de forma que o indivíduo possa ter a oportunidade de superar o exagero. No capítulo V, Steiner dá uma explicação fisiopatológica a esses fatos cármicos. No caso da cólera explica ocorrer um adensamento do sangue – o instrumento do Eu – e é isso que o indivíduo precisa atravessar no sentido de fortalecer aquele sentimento fraco em relação ao próprio Eu. Já na malária observa-se uma desintegração do sangue de tal forma intenso que é capaz de levar aquele egotismo exagerado a exaustão, o que possibilita ao indivíduo a superação do desafio cármico que traçou a si mesmo no período do kamaloka.

Posto desta maneira, é preciso reconhecer um determinismo marcante na manifestação do carma na forma de doenças. É como se tudo já estivesse traçado antes do nascimento. Paracelsus parece corroborar esse raciocínio.

“Quando nasce um menino nasce ao mesmo tempo com ele seu firmamento (o zodíaco astrológico) e seus sete membros (os sete órgãos ligados aos planetas) (...) O firmamento de cada menino já tem ao nascer a sua predestinação marcada, que é o tempo que a entidade natural deve seguir conforme a ordem dos planetas (...) Assim a natureza (...) sabe perfeitamente quanto tempo durará o curso de sua entidade (...) adaptando os movimentos dos astros de modo que todas as suas influências se cumpram no tempo que vai desde a criação até a predestinação”.

(“A Chave da Alquimia” – pág. 104)

Uma predestinação que cumpre com a ordem geral do macrocosmo da qual somos apenas uma microengrenagem. É que, geralmente, onde há a influência do

ocultismo não se aceita o acaso. Steiner refuta o acaso com todo o vigor de suas palavras. Talvez fosse também o proceder dominante no fim do século XIX e início do século XX, quando predominava a busca da compreensão para todos os fenômenos e acreditava-se que nada restaria por ser elucidado, tudo era uma questão de tempo. O acaso, a sorte e toda forma de imponderável era considerado um desafio a ser superado. Freud, por exemplo, que nada tinha de ocultista e se esforçou a vida inteira para se afastar de qualquer crítica que o aproximasse a saberes não-científicos, também não admitia o acaso em sua teoria. Para ele todos os atos, pensamentos e sentimentos tinham uma raiz inconsciente pronta a ser desvelada pela técnica da psicanálise. Tudo poderia ser explicado e simbolizado a partir do tratamento psicanalítico. Tanto que uma das principais premissas de sua teoria é justamente a do determinismo psíquico, qualquer material psíquico que emergja ao consciente deve necessariamente possuir uma explicação inconsciente a ser elucidada por pela prática clínica da psicanálise.

Hoje, no século XXI, talvez possamos oferecer uma abordagem um pouco mais dinâmica a esses fenômenos. Não se trata de recorrermos ao acaso, porém, quando a própria física, a partir de suas teorias quânticas, nos revela não ser mais capaz de apontar a localização exata de algo material como um elétron, quando ela nos explica que pode apenas nos oferecer uma nuvem de probabilidades para a matéria, acredito ser necessário suspender nossas certezas deterministas. Não que, de fato, uma pessoa não possa inconscientemente se dirigir a uma região infestada pela cólera ou pela malária a fim de contraí-las. Quantos europeus não morreram para atender ao chamado para ajudar populações africanas devastadas pelo Ebola? Steiner nega peremptoriamente a mão do acaso nessas situações, ele vai aludir a uma ação iniciada a partir das potências etéricas associadas à CI. Ou seja, a algo marcado em nossa memória etérica durante a elaboração do carma em nosso passeio pelas esferas planetárias.

Mas talvez também seja preciso entender esse estranho fenômeno do adoecer de forma sutilmente mais dinâmica. Uma pessoa nasce com o desafio cármico de superar um egotismo exagerado de uma vida anterior. Ela terá inúmeras oportunidades ao longo de sua vida para isso. Incontáveis serão os encontros e os acontecimentos que lhe oferecerão esta possibilidade. Mas é possível que, apesar dessas inúmeras situações favoráveis para evoluir no sentido de seu carma, a pessoa permaneça agarrada a um forte sentimento centrado no próprio egotismo. Continua sob forte tentação de Lúcifer. Talvez aí possa advir a malária como possibilidade de desenvolvimento cármico. Podemos imaginar sim, o indivíduo a viajar a alguma região da Amazônia, ou de África, no intuito etérico, não-consciente, de contrair a malária.

Ou pode se dar também qualquer outra situação clínica, pois certamente não será somente a malária a proporcionar a superação desse forte egotismo. Há de existir outras formas de descarregar esse forte egotismo. Como professa a física quântica, trata-se de uma nuvem de possibilidades, uma ampla gama de alternativas para o carma. Vejamos a questão com mais calma.

Em relação a um elétron, o que se percebeu é que tudo que podemos dizer dele são estados futuros possíveis. Ao entendermos o elétron na forma de onda, ele não nos permitirá localizá-lo no espaço, só o que resta é projetar um campo onde poderá ser encontrado. Mas se lançarmos ao elétron nosso olhar de observador, ao torná-lo objeto de nosso interesse, ele deixa de ser onda aberta ao futuro e se transforma em uma partícula localizada no tempo, se torna passado. Agora podemos dizer estar o elétron em determinado sítio, mas isso será sempre passado, porque no instante seguinte não mais o encontraremos lá, ele reassume sua liberdade localizacional na forma de onda e, novamente, nos será permitido apenas inferir sua presença em um campo de possibilidades, nunca num sítio exato. Um campo de imanência. Acho que podemos dizer o mesmo do carma. Se o carma flui da CI na forma de desejo, termina por se manifestar na CPI sob a forma de representação mental. Está aqui reproduzida a questão do elétron. Formamos germes para o futuro na forma de vontade para a próxima vida, vontade do que queremos para nossa evolução cármica. Vontades, claro, inconscientes para a CPI. Fluem como desejo e se manifestam como representação mental. Flui, portanto, do futuro ao passado. O carma é uma nuvem de possíveis aberta ao futuro e que, de acordo com suas leis, retroage sobre o passado. A doença que observamos em nossos pacientes como terapeutas é o carma imobilizado na forma de apenas uma de suas múltiplas possibilidades. Congelamos o momento pela nossa observação e o tornamos passado, negamos, então, todas as outras possibilidades de futuro, de carma. A doença é como o elétron, quando o físico o localiza ele se precipita de onda em partícula mensurável. No ato de observar uma doença, o médico precipita o carma em uma única forma entre as infinitas possibilidades de futuro. Procuremos no próprio Steiner a confirmação dessa hipótese.

“Nós entendemos esse elemento interiormente ativo no organismo como o corpo etérico do ser humano. Não se trata de um corpo espacial – é um corpo temporal. Por isso, não podemos descrever o corpo etérico como forma no espaço, a não ser tendo consciência de que, com isso, faríamos o mesmo que se desenhássemos um raio. Ao desenhar um raio é claro que desenhamos um instante: nós seguramos o instante. Do mesmo modo, só podemos reter no espaço o corpo etérico do homem como se ele fosse um instante. Na realidade temos um corpo espacial físico e um corpo temporal,

um corpo etérico que está continuamente em movimento. E só faz sentido falarmos do corpo etérico referindo-o como corpo temporal”.

(“The Mystery of the Trinity – parte II – palestra I (GA 214)”)

Essa palestra foi proferida em 1922. Sem se opor à negação da casualidade defendida em “As Manifestações do Carma”, o dito acima amplia enormemente a dimensão cármica. Não se trata de casualidades, mas de entender o carma como amplitude aberta no Tempo. O corpo etérico que determina a alguém viajar a uma região infestada pela malária só pode ser entendido em sua dimensão no Tempo. Tal qual o elétron. Não sei se Steiner teve contato com os avanços da física que ocorriam àquela época ali mesmo na Alemanha. É muito provável que sim, dado seu interesse por todo tipo de assuntos científico. Independentemente disso, aqui Steiner está claramente localizando o corpo etérico como estrutura aberta no Tempo, localizável apenas se o congelarmos por um instante no espaço como um raio. Steiner contrapõe o corpo etérico temporal ao corpo físico espacial e confirma a hipótese de ser o carma uma ampla gama de possibilidades no Tempo. O carma forjado nas esferas planetárias não é uma ordenação de eventos fadada ao acontecimento como se já fossem passado antes mesmo de ocorrer. O carma é vontade aberta ao futuro. Sem violar o princípio ocultista de negação à casualidade, está demonstrado o não-determinismo quando se pensa nos acontecimentos ligados ao carma.

Uma pessoa pode nascer com a questão do egotismo e conseguir, sem a necessidade de doenças, superá-la a partir de suas próprias escolhas e atitudes ao longo da vida, pode elevar-se espiritualmente de tal forma que ultrapasse o portal da morte com esta situação encaminhada. É possível a qualquer um superar a tentação luciférica a partir de seus próprios meios internos, sem que o auxílio das divindades superiores na forma de uma doença que a coloque de volta ao caminho. As doenças são pedagogias emanadas pelas Hierarquias, mas podemos aprender a lição por nossos próprios meios. Antahkarana. O carma é um fluxo temporal universal ao qual todos os seres estão conectados, é um campo de imanência onde se desenvolvem as vidas individuais. As doenças são possibilidades pedagógicas de evoluirmos espiritualmente ao compreendermos nosso carma individual no contexto dos diversos platôs de carmas coletivos (familiar, da nação, do povo, da era, do planeta, do Universo). Já dissemos e mostramos, nosso carma individual está indissolivelmente atrelado, na Terra, aos carmas de Lúcifer e Ahrimã. Mais à frente veremos com mais cuidado o que isso significa.

De volta ao capítulo IV de “As Manifestações do Carma”, vamos encontrar a pneumonia descrita como efeito de o indivíduo ter, na vida anterior, uma tendência a

excessos sensuais. Vale registrar a ação das três leis do carma. A pneumonia é o efeito, os excessos sensuais na vida anterior a causa. E o efeito vai retroagir sobre o mesmo ser espiritual de onde se originou a causa. E deve ser dito que excessos sensuais geralmente relacionam-se ao corpo astral. Excessos de uma vida destinada à satisfação do corpo astral – Lúcifer agindo sobre a alma da sensação – produzem, após a morte e a partir da CI que domina o Kamaloka, impulsos para que na encarnação seguinte o indivíduo possa superar esse excesso de sensualidade.

“É justamente na superação da pneumonia, na autocura em que o indivíduo empenha seus esforços, que a individualidade humana se opõe aos poderes luciféricos (...) Na superação da pneumonia está a oportunidade de se depor o que, numa encarnação anterior, foi um defeito de caráter”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 79)

Em primeiro lugar, devemos atentar ao fato de ser a pneumonia uma oportunidade de superar deficiências de encarnações anteriores. Quantas outras oportunidades não deve ter tido o indivíduo para superar essa tal sensualidade ocorrida em encarnação anterior? A pneumonia advém como consequência dessa não superação, de provavelmente ter passado por inúmeras outras oportunidades sem as perceber até chegar à pneumonia. Mas para além disso, deve-se perceber que Steiner associa a pneumonia, uma doença inflamatória, sulfúrica, a Lúcifer. Não a uma sensualidade incutida por Lúcifer na vida atual que contrai a pneumonia, mas a excessos sensuais ocorridos em vida anterior. Já na tuberculose pulmonar, ele diz que pelas características esclerosantes da doença a luta se dará contra forças ahrimânicas. E aqui, e isso é muito importante, Steiner lança as bases para definir as doenças Luciféricas-inflamatórias-sulfúricas em oposição polar às doenças Ahrimânicas-esclerosantes-salinas. Mas é também o próprio Steiner quem nos faz importante alerta.

“Pessoas que gostam de classificar sentirão a necessidade de distinguir entre doenças baseadas em influências exclusivamente luciféricas e as que resultam exclusivamente de uma influência ahrimânica (...) Porém, na realidade, as coisas não se comportam de modo a podermos captá-las por esses meios cômodos, elas estão continuamente se cruzando e se intercalando”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 120).

Então, por um lado Steiner nos incentiva a olhar para a Lúcifer/Ahrimã, por outro nos encoraja a resistir a essa tentação. Vejamos como essa construção polar da clínica está intrinsecamente amarrada à abordagem de complementariedade.

Na pneumonia é Lúcifer quem ainda precisa ser superado, atuou na encarnação anterior sobre a alma da sensação provocando uma falha moral na forma de sensualidade. Na encarnação atual, sua ação ainda é no corpo astral, para contrapô-la faz-se preciso uma doença inflamatória originada em Lúcifer. Mas se a ação de Lúcifer numa vida abre caminho para Ahrimã, o que sobrevém é doença sobre o corpo etérico. Então, o carma, em suas múltiplas probabilidades, pode se manifestar como doença esclerosante de origem ahrimânica, uma tuberculose.

Essa via de aprendizado cármico não flui pela via racional consciente da CPI, mas pelo que há de mais profundo em nossa consciência, o que pode se transmitir à CI. Para entender este importante aspecto do carma, vejamos em mais detalhes Steiner nos ensinar, no capítulo VIII de “As Manifestações do Carma”, como uma influência luciférica se transmite à encarnação seguinte.

Ele nos convida a imaginar uma pessoa sob a influência de Lúcifer. Nada mais comum. As tentações luciféricas ocorrem em nossa alma, naquilo que em nós cobiça, inveja, se apegar; podemos nos apegar ao nosso próprio ego, como no caso do egotismo exagerado. Pois bem essas influências de Lúcifer que corrompem a alma a partir do ego podem se manifestar mais especificamente nas almas da sensação, do intelecto ou da consciência. Sabemos que em uma escala evolutiva os defeitos na alma da sensação estão mais ligados ao corpo astral, os na alma do intelecto ou da índole ao corpo etérico e no caso da alma da consciência ao físico. Steiner escolheu como exemplo tentações luciféricas que se manifestem sobre a alma do intelecto. Falhas da lógica, não da moral. Ele explica que, durante o período entre a morte e o novo nascimento essa falha marcada na alma do intelecto será transformada em defeito que, na encarnação seguinte, se manifestará no corpo etérico. Nesta nova encarnação não há falhas na alma do intelecto, mas sim no corpo etérico. Não há utilidade em tratar esta manifestação no corpo etérico a partir da razão, de nada adianta que a inteligência lógica advenha à alma do intelecto ou da índole, o indivíduo trará em seu organismo a marca cármica em seu corpo etérico.

O que está sendo dito é que a partir da CPI podemos trabalhar a alma do intelecto, mas não alcançamos o plano etérico adoecido. É evidente que trabalhar a alma a partir da lógica e da inteligência é importante no sentido da evolução cármica, terá influência direta sobre a próxima encarnação como acabamos de ver. Contudo, para tratar doença já estabelecida no plano etérico, que viajou através dos fluxos cármicos provinda da encarnação anterior, essas práticas são de pouca valia. Quando,

em nosso caminho cármico, empacamos e deixamos de evoluir sobrevém as doenças em nosso favor. São elas que podem nos colocar novamente em movimento no caminho cármico. Como já foi dito com Heráclito, as doenças são interrupções de fluxo, em verdade, são o efeito desta estagnação que é a causa. Quando não apontamos nosso caminho na Terra na direção demandada pelo carma adoecemos. A doença aponta à necessidade de ajustar escolhas e condutas conscientes ao desejo, àquilo que emana da CI e que chamamos de carma. Se numa encarnação o indivíduo não percebe esse chamado cármico, na vida seguinte sobrevém a doença na tentativa de orientar-lhe o caminho. E, no exemplo em questão, Steiner chama a atenção para Ahrimã. Ele penetra no interior humano através da lesão inicial provocada por Lúcifer em uma encarnação prévia. Mas agora, com o etérico adoecido, pode Ahrimã também se manifestar. Esse é o mecanismo para o desenvolvimento da tuberculose.

Para compreender a dinâmica Lúcifer-Ahrimã e suas implicações no adoecer humano é preciso reconhecer os mecanismos que desenvolvemos para reagir a essas tentações. Vale mais uma vez ressaltar: estamos lidando com estas influências na forma de uma complementariedade dinâmica, por intermédio de uma abordagem cármica ligada ao Tempo, e também através da imagem polar Lúcifer/Ahrimã. E para entender essa dinâmica, antes de mais nada precisamos falar da dor.

Já vimos que para o desenvolvimento da consciência terrena, aquela ligada ao Eu, foi necessário a aproximação do corpo astral ao Eu. O mito gnóstico usado para ilustrar essa estória mostrou como Lúcifer construiu, a partir do corpo astral, um aparato neuroegóico capaz de acolher o Eu. Para isso foi necessário que o corpo astral se afastasse do corpo etérico, quanto mais um animal ascender na escala evolutiva, mais será observável esse afastamento. Já dissemos também que a maior parte das doenças se manifesta na forma de uma penetração excessiva desse astral sobre o etérico, com consequências sobre o físico. Ora, essa interpolação exagerada traz de volta uma relação etérico-astral já superada pelo ser humano. Na Terra o corpo astral se distanciou do etérico, atraído pelo empuxo mais forte do espírito encarnado na forma de Eu. A proximidade maior entre astral e etérico é típica da Antiga Lua, quando ainda não havíamos desenvolvido a consciência ligada ao Eu. Traz de volta, portanto, a consciência do passado relacionada à Antiga Lua e sua manifestação na Terra. Mas a Terra não comporta as condições antes existentes na Antiga Lua para a expressão de uma consciência do tipo lunar através do ser humano vigil. São condições qualitativamente distintas. Na Terra atual ela só pode encontrar expressão na dor. A dor é, então, a forma atual pela qual nós humanos experimentamos essa penetração excessiva do corpo astral sobre o corpo etérico.

Essa dinâmica da dor está explicada no capítulo VI de “As Manifestações do Carma”. É a manifestação patológica da presença de Lúcifer em nossa consciência. É um alerta, um mecanismo de defesa que alerta a consciência vigil da CPI à presença da ameaça luciférica. Não fosse a dor, não perceberíamos essa presença patológica, e não nos seria dada a oportunidade de trabalhar nossa alma no sentido cármico demandado pelo Eu. Porque em condições terrenas normais essa interação entre corpos astral e corpos etérico e físico devem ocorrer de forma silenciosa. Sempre que se constatar a presença da dor, esse resquício de consciência lunar em nós, podemos ter a certeza de estarmos diante de causa luciférica, de uma patologia, uma manifestação do carma que exige atenção. Uma necessidade cármica não percebida pelos mecanismos terrenos limitados da CPI que, agora, vem à consciência na forma de dor. Ligada a qualidades da Antiga Lua, assim como os seres luciféricos.

Retornemos ao exemplo da tuberculose, doença que se manifesta a partir do corpo etérico. Uma falta luciférica ocorrida sobre a alma do intelecto se manifesta, na encarnação seguinte, sobre o corpo etérico. Não há, portanto, envolvimento do corpo astral na encarnação atual. Estamos diante de um efeito cármico, e a doença se manifesta na encarnação seguinte diretamente sobre o corpo etérico. Não irá despertar a consciência da Antiga Lua, pois está relacionada a Ahrimã, e este está ligado aos processos do Antigo Sol. Uma consciência ainda mais antiga, a consciência abafada de sono própria do mundo etérico.

Já vimos a atuação desse tipo de consciência quando a pessoa, inconscientemente perante a CPI, mas através de sua consciência de CI, se expõe a algum tipo de infestação. Sobre a influência da consciência de vigília racional ela nunca se aproximaria a esse tipo de risco, mas sob a égide da consciência de sono sim. Já vimos os casos da malária e da cólera. Concordamos que, respeitada a lógica quântica do campo imanente de probabilidades cármicas responsáveis por quebrar um determinismo excessivo, é possível que uma pessoa se direcione a uma área onde eclodirá epidemia de determinada doença. Então, um egotismo excessivo numa encarnação, um ego sujeito a excessiva influência luciférica, irá se manifestar na vida seguinte, por exemplo, através da necessidade cármica de contrair a malária. Porém, suponhamos, que o indivíduo em questão não tenha essa oportunidade de cura através da malária. Dessa forma, sua patologia irá imiscuir-se ainda mais nas profundezas etéricas, cada vez mais emaranhado em erro, agora, induzido por Ahrimã. E se Lúcifer traz erros aos conteúdos da alma, na encarnação seguinte Ahrimã, por intermédio do convite de Lúcifer, penetra o interior humano e se aloja nos órgãos. É sobre eles que exerce sua atuação patológica. Recordemos que nesse caso não há dor, estamos na consciência de sono típica do Antigo Sol, quando o etérico e o físico possuíam relação

muito mais intrínseca que hoje, quando ainda éramos vegetais. E, agora, sem defesas à penetração ahrimânica, o indivíduo está exposto ao aprofundamento cada vez mais longe em seu etérico, algo que irá trazer um comprometimento grave não só à vida atual, mas também, e principalmente, para vidas futuras através do processo cármico. Nesse ponto, na falta da dor que nos estimula à superação das doenças luciféricas, a única defesa que sobra ao indivíduo é a destruição do órgão afetado por Ahrimã. Porque essa dinâmica ahrimânica leva o indivíduo a viver cada vez mais intensamente emaranhado às vivências do mundo sensorial exterior, a uma ilusão oriunda do mundo físico-sensorial que produz maya e afasta-o mais e mais do mundo espiritual. Sem a dor, tudo isso é inconsciente à CPI. A única defesa é destruir a via pela qual Ahrimã se ancora ao organismo humano, sobrevém o adoecimento do órgão. E então são três as possibilidades: a cura, a doença crônica, a morte. Vejamos o que significa cada um desses desfechos.

A DINÂMICA DAS DOENÇAS: MORTE, CURA E CRONICIDADE

Toda a proposta cármica caminha no sentido da evolução do Cosmo ditada pelas hierarquias superiores iluminadas pela Trindade. O carma individual de cada entidade espiritual, incluídos aí todos os seres humanos, nada mais é que diminuta engrenagem desse sistema vivo e inteligente que é o carma universal. Toda doença aspira ao máximo de afinamento entre a vida encarnada e o carma individual relacionado ao carma universal. É a construção do Antahkarana. Porém, a evolução cármica é lenta, de encarnação em encarnação, ao longo dos bilhões de anos. As doenças são parte desse processo.

O Antahkarana é ponto central para a compreensão das doenças e, como sabemos por intermédio das escolas de mistérios, a pessoa que se lança no processo de iniciação tem dois caminhos a seguir: o que leva ao mundo espiritual exterior por detrás do véu material físico, e o mergulho para dentro do próprio interior anímico. Ahrimã é a ameaça que espreita no primeiro caso, Lúcifer no segundo. O candidato à iniciação deve lidar com ambas as ameaças e, ao considerarmos o contínuo processo de encarnação-morte-reencarnação, é fácil entender que estamos sempre, ao longo do Tempo, conscientes ou não, de alguma maneira cumprindo um percurso iniciático.

Mostramos como Lúcifer produz suas doenças a partir do corpo astral, da interioridade egóica onde soberba, arrogância, vaidade, orgulho e outras influências luciféricas acarretam em patologias na encarnação seguinte. Já em Ahrimã são as ilusões e alucinações acerca da realidade exterior que provocam lesões. Esses caminhos frequentemente redundam na morte do organismo. As doenças têm por objetivo prover o indivíduo de forças que poderia ter adquirido de outra forma – por

exemplo, pela educação da Ciência Espiritual –, porém, quando isso falha, são elas o meio pelo qual a individualidade espiritual tenta alcançar os objetivos cármicos.

“Poderá surgir o caso em que as forças despendidas e empregadas pelo indivíduo no processo de cura o fortaleçam, porém não à altura dos trabalhos que dele se esperam no plano físico. Então ele usará a parte já adquirida – por não ser utilizável no plano físico – quando atravessar o portal da morte, procurando acrescentar às suas forças o que não conseguiu no plano físico, a fim de usar essas forças na configuração do próximo corpo, ao voltar a nascer”

(“As Manifestações do Carma” – págs. 88 e 89)

A morte é a maneira encontrada pela CI para dar continuidade ao fluxo cármico de desenvolvimento espiritual, com o objetivo de não paralisar o processo. Porque, caso este se imobilize na situação em que não é possível ao indivíduo utilizar aquelas forças, vamos supor que a doença o tenha exaurido de forma a não ser capaz de transformar seu querer em atividades no mundo, o que acontece é um equilíbrio patológico onde nem se alcança a cura nem sobrevém a morte. É o caso das doenças crônicas. Steiner explica que quando apenas for possível alcançar o reequilíbrio entre os corpos físico e etérico, mas não entre o etérico e o astral, quando este permanece instável e sujeito a oscilações patológicas, a consequência é a doença crônica. É a pior situação, o indivíduo não alcançou a evolução espiritual almejada carmicamente através da doença, nem se libertou do aprisionamento do mundo material de forma que possa utilizar o desenvolvido após a morte. Permanece como que no limbo, aprisionado por uma falência crônica nessa encarnação, não atinge os objetivos cármicos traçados na existência entre a morte e o novo nascimento, não se libera para perseverar no fluxo cármico através da morte. O fluxo do carma se interrompe, ou se alentece de forma patológica. E sabemos com Heráclito, onde há interrupção de fluxo há doença, no caso a que nomeamos crônica.

Mas o processo de adoecimento pode ser considerado completo, bem-sucedido, quando é alcançada a cura. O indivíduo vai estar apto a usar o desenvolvimento espiritual assimilado através da doença ainda durante a mesma encarnação e para a próxima. Muitas vezes este desenvolvimento é percebido de forma consciente pelo indivíduo através da CPI, geralmente a pessoa fala em transformação em seu estilo de vida, por vezes de forma até drástica; contudo, é muito frequente que a evolução espiritual permaneça inconsciente, e essas novas potências adquiridas atuarão a partir das relações não conscientes entre os quatro membros do ser humano. E isso virá de encontro à construção do Antahkarana por possibilitar a evolução cármica, a ascensão

do ego em direção ao Eu, o lento e contínuo trabalho iniciático que perpassa as encarnações através da CI.

A cura é então o objetivo do adoecer. Na superação da doença o indivíduo adquire forças mais perfeitas. Mas o que dizer das medidas higiênicas, sanitárias e profiláticas que impedem a manifestação das doenças? Como definir todo o atual desenvolvimento tecnológico da medicina e seu inédito sucesso no tratamento e prevenção de doenças? Estamos a impedir as manifestações do carma?

Steiner trata do tema desde o capítulo IV até o IX em “As Manifestações do Carma”. E conclui que o atual estágio alcançado pela medicina também faz parte do carma coletivo da humanidade; se é próprio do ser humano, em seu atual estágio de desenvolvimento espiritual, tratar e curar através da técnica as doenças, que o faça. Steiner não cria restrições nem mesmo à vacinação. Entretanto, faz o alerta de que as medidas sanitárias e curativas devem ser acompanhadas por sua contrapartida espiritual. Sabemos que para Steiner o futuro da humanidade está na educação através da Ciência Espiritual, e ele aproveita para fazer aqui sua apologia: que se tratem as doenças, que elas não sejam necessárias à evolução cármica, mas que se ofereça a educação necessária para a evolução espiritual da humanidade. No entanto, se a medicina atuar alijada da educação, se objetivar apenas o tratamento do corpo físico sem considerar a evolução da alma, se alcançar no máximo o etérico, o que se produzirá será uma humanidade cronicamente doente, incapaz de cumprir seus desafios cármicos. E, pior ainda, impossibilitada de procurar a morte pela imposição à vida ditada pelas tecnologias de cura do corpo físico. A alma se esvazia de vontade, se acomoda na ilusão do conforto físico e se preenche por frustração e insatisfação.

Não há dúvidas de que o cenário profetizado por Steiner se atualiza no mundo contemporâneo. Não só na imagem dos hospitais abarrotados pelas doenças crônicas, mas na apatia do querer, no medo do sentir e na preguiça do pensar. Como exemplo indiscutível estão os dados da própria Organização Mundial de Saúde que define o assustador aumento da prevalência de casos de depressão nos mesmos moldes de uma epidemia, uma pandemia. E isso traz implicações clínicas óbvias e fundamentais. Todo médico, e todo aquele que exerce a prática clínica, deve ser um terapeuta não só do corpo físico, mas também da alma. Todo terapeuta deve entender a importância da construção do Antahkarana. Ao limitar-se ao tratamento do corpo físico em nada estará auxiliando o doente a elevar sua alma em direção ao espírito. O carma deve ser sempre o objetivo primeiro de qualquer tratamento. Muitas vezes o que se alcança é apenas o equilíbrio entre corpos físico e etérico, sem o necessário equilíbrio etérico-astrol, sem a possibilidade de transformação da alma para a próxima vida. Isso não constitui cura. Sem atenção ao Antahkarana não podemos mais que curar sintomas. E essa é a crítica

principal à medicina tradicional acadêmica como praticada hoje, nem tanto ao uso indiscriminado de substâncias que limitam-se a agir pela via química, mas principalmente a imensa distância que afasta-a do caminho espiritual. Esta característica da prática médica cria uma legião de doentes crônicos, e a cronificação das doenças num instável e provisório modelo químico é tudo que almejam Lúcifer e Ahrimã. É o que devemos procurar evitar a todo custo.

REPRESENTAÇÕES MENTAIS CONTRA LÚCIFER E AHRIMÃ

É preciso já estar claro que a tentação luciférica levou o ser humano a voltar-se mais para o mundo exterior sensorial, a experimentá-lo e cobiçá-lo mais intensamente do que teria feito se Lúcifer não imiscuísse em sua alma tal influência. Foi uma necessidade evolutiva para a criação do ego, pois é este o instrumento anímico com o qual travamos conexão consciente com a realidade exterior – a partir da qualidade terrena de nossa consciência. Para a construção do Antahkarana é antes necessário o ego, e o ego, já sabemos, é o aparato pelo qual o ser humano adquire consciência interior de si mesmo e também a via pela qual se conecta conscientemente com o exterior. E com a atenção voltada ao mundo externo perturbada por Lúcifer, criaram-se as condições necessárias para que a influência de Ahrimã, provinda dessa realidade externa, penetrasse o ser humano.

Ao longo de todas as conferências que constituem “As Manifestações do Carma” encontramos Steiner preocupado em alertar acerca das tentações de Lúcifer e Ahrimã. Por várias vezes ele recorre ao caminho do Cristo como alternativa.

“Tivesse absorvido apenas esse princípio (luciférico), o homem iria sucumbir cada vez mais às seduções do mundo físico terrestre (...) Sabemos que a influência posterior, a influência do Cristo, atuou em sentido contrário ao princípio luciférico, reconduzindo-o ao equilíbrio, de modo que no decurso de sua evolução o homem readquiriu meios de expulsar de si essa influência luciférica”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 77)

Duas coisas são fundamentais nesse trecho. A confirmação de que a incorporação do Cristo, a encarnação do Eu, só ocorreu após a anterior construção do ego por Lúcifer. Isto está de acordo com o mito ao qual recorreremos, o da tradição gnóstica cristã. E um segundo aspecto é a possibilidade de expulsar Lúcifer de nosso interior, e conseqüentemente fechar as portas a Ahrimã. Como é isso? Através do Antahkarana, é claro: transformar as paixões e emoções que partem do ego em sabedoria crística. A construção do coração etérico. Mas como realizar essa operação

na vida prática terrena? A julgar pelo que lemos em “O Conhecimento dos Mundos Superiores”, em “A Ciência Oculta”, em “Teosofia” e em tantas outras palestras, o caminho é pelo desenvolvimento da alma pelo Eu. O Eu que atuando sobre almas da sensação, razão e consciência vai criar, está criando, manas, buddhi e atma. E se o caminho ao Cristo passa necessariamente pela via aberta por Lúcifer através do ego teremos que novamente nos remeter às peças que o constituem. Retornemos às representações mentais.

Steiner confere importância central às representações mentais no capítulo IV de “As Manifestações do Carma”.

“Enquanto o homem, vivendo numa encarnação, instalar uma barreira por meio de representações, de modo que as influências luciféricas e ahrimânicas não possam penetrar mais fundo por encontrarem nelas um obstáculo – enquanto isso perdurar, tudo que o homem fizer ficará sujeito ao julgamento moral e intelectual”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 78)

Essa afirmação explica a persistência com o qual Steiner busca em sua proposta de meditação a clareza do pensamento em primeiro lugar. Seus exercícios meditativos iniciam-se pelo debruçar-se exaustivo e perseverante na simplicidade dos pensamentos, nas representações dos objetos mais simples, tomar um deles em mãos e dissecá-lo em representações ligadas a representações, toda a relação de causa e efeito que trouxe aquele objeto à situação atual, apreendê-lo de maneira retroativa e conhecer as etapas que o cunharam na formatação final que temos em mãos. Isso porque, já concluímos desde nosso estudo da palestra “Os Aspectos Corpóreo, Anímico e Espiritual da Vida da Alma”, ao retroceder no caminho que formou a representação mental alcançamos o julgar, a atividade anímica básica que tem por base a polaridade fundadora da simpatia/antipatia. E como estamos falando do ego podemos aludir à polaridade amor/ódio, base de todos os sentimentos humanos. E daí, para além da esfera anímica, alcançamos o desejo, atividade que emana do espírito.

Esse é mais um exemplo da forma pela qual Steiner se refere o Antahkarana. Parte da representação mental manifesta na mente lógica racional para a dimensão afetiva onde opera a transformação da simpatia/antipatia no julgar. E anterior a isso está o desejo que provém do espírito. Estão inúmeras trimembrações presentes nesse esquema: pensar-sentir-querer, representação mental-sentimento-vontade, passado-presente-futuro, corpo-alma-espírito. Recordemos: o futuro emana do Eu via carma na forma do desejo, na vida atual é metabolizado pelos sentimentos e são construídos germes de vontade que fluem do presente para esse futuro, na vida futura irão se

manifestar como passado na forma de representações mentais. O que Steiner propõe é construirmos barreiras a ação de Lúcifer e Ahrimã com as representações mentais. É claro, representações mentais saudáveis necessariamente só podem provir da correção ao julgar e da clareza para sentir os estímulos de simpatia e antipatia, de amor e ódio. Por intermédio das representações mentais Steiner espera alcançar o espírito pela via da alma. Para isso, precisamos do ego, o caminho oferecido por Lúcifer. Alcançar o Cristo com o auxílio de Lúcifer. É uma via de mergulho interno, ao interior da alma em busca do espírito, do impulso crístico em nós, nessa jornada toda sorte de influências luciféricas e ahrimânicas podem nublar o percurso e produzir as mais distintas doenças. Mas são também essas influências que pavimentam o caminho. E o caminho do Antahkarana em Steiner é o caminho interior que vai do ego ao Eu. Steiner não busca o Cristo em sua expressão panteísta no mundo material, por detrás da tessitura material do mundo físico. Não busca-O pelo caminho iniciático externo. Steiner não procura em baixo de uma rocha e lá encontra o Cristo. Ele perfaz o caminho interno, como muitos místicos ensinaram, são os mistérios apolíneos da iniciação; como também ensinou o Cristo. Nada mais ilustrativo que se retirar por quarenta dias ao deserto. É a mesma via meditativa de Buda que conduz ao ego e daí ao Eu. Vias apolíneas de iniciação. Steiner vai buscar nos místicos da Idade Média auxílio para traçar esse caminho. Em seu livro “A Filosofia Mística dos Séculos XIII a XVII”, várias passagens comprovam a procura por essa trilha interior; por exemplo, com Mestre Eckhart.

“Essa relação da alma humana com o Ser Primordial não deve ser entendida como se fosse declarado que a alma em sua forma-de-ser individual é uma e a mesma coisa que o Ser Primordial. A alma que está enredada no mundo dos sentidos e, com isso, na finitude enquanto tal não tem já em si o conteúdo do Ser Primordial. Antes ela tem que desenvolvê-lo em si. Ela tem que aniquilar-se como ser individual”

(“A Filosofia Mística dos Séculos XIII a XVII” – pág. 58)

Essa afirmação basta por sua clareza. Caminho apolíneo interior, portanto. Mergulhar para dentro do ego, construir representações mentais saudáveis, alcançar a esfera do sentir e, então, nutrir-se com as verdades que emanam do mundo espiritual pela via crística do Eu.

CARMA INDIVIDUAL E CARMA UNIVERSAL

Em “A Ciência Oculta” Steiner é minucioso sobre o longuíssimo processo através das encarnações planetárias que culminou no ser humano atual. Vamos detalhar dessa história um aspecto crucial, o momento em que Lúcifer guiou o Anthropos, o ser humano

antes de ele se tornar propriamente humano, em uma viagem para fora das condições hostis da Terra. Foi um sacrifício, sacro-ofício, que nos preservou para reencarnarmos em período mais favorável da evolução cósmica.

Isso aconteceu já na Terra, na época entre a separação do Sol e a da Lua. Recordemos que ao se iniciar uma nova encarnação planetária são repetidas as etapas anteriores que fluem através do pralaya na forma de germe. E então, em sua evolução, a Terra repetiu os antigos Saturno, Sol e Lua, os desenvolveu e os afastou de forma a poder manifestar as características favoráveis ao advento do ser humano como ser individual e dotado de Eu.

Após o necessário afastamento do Sol, que levou consigo forças intensas e violentas que ditavam uma velocidade exagerada à evolução, permaneceu a Lua ainda ligada à Terra. Agora as condições ambientais se tornaram muito densas, ressequidas, endurecidas. Com a presença do Sol, a Terra não era capaz de oferecer ao Anthropos a possibilidade de se tornar humano, entretanto, tampouco foi isso possível durante a permanência da Lua. Então, essa também foi afastada, o que criou o ambiente terrestre atual favorável às nossas necessidades evolutivas. Mas antes desse afastamento lunar, os corpos físicos habitados pelo Anthropos em evolução se tornaram tão densos que o espírito humano não era mais capaz de permeá-lo. Foi imposto às almas humanas que migrassem a outros ambientes do sistema solar, a outros planetas, a espera do afastamento da Lua e da transformação da Terra em uma realidade menos hostil. Algumas almas ainda aqui permaneceram e mantiveram a sequência do Anthropos na Terra. Essas almas desviaram-se da evolução do Anthropos e ainda habitam a época em que a Terra tinha presente a Lua. Almas que em sacrifício habitaram corpos físicos enrijecidos. São hoje os animais. Seres que se atrasaram na evolução da Terra quando ainda não havia se afastado a Lua. A evolução não acontece sem sacrifícios; parte dos seres evolui, parte se separa em sacrifício. Sacro-ofício.

Esta história contada em pormenores em “A Ciência Oculta” está resumida em “As Manifestações do Carma” no capítulo II. E o mais importante para nosso estudo é o fato de que foram os seres luciféricos quem guiaram as almas humanas em seu exílio para fora da Terra entre a separação do Sol e da Lua. Os seres luciféricos nos carregaram a ambientes protegidos onde pudéssemos aguardar os violentos e necessários eventos cósmicos que transformavam a Terra em um planeta propenso a nossa evolução. Naquela época, não se podia falar em individualidades humanas, essas almas em desenvolvimento estavam ligadas a alma-grupo, como os animais atuais que ainda habitam a Terra ligada à Lua. E Lúcifer nos guiou para fora dessa Terra no caminho de nos tornarmos almas humanas, e Lúcifer então dotou de ego o ser humano.

Essa história pode ser pensada por muitos ângulos. Um deles é o geográfico-localizacional: Lúcifer tomou-nos pelas mãos, nos carregou pelo Espaço para fora de um ambiente ecológico hostil e nos guardou em outro lugar para, finalmente, após o evento astronômico da separação material-física da Lua, nos trazer de volta, de forma que as almas pudessem novamente encarnar nos organismos físicos agora menos endurecidos.

Podemos também pensar que, antes da separação da Lua, a consciência terrena ainda tinha por característica o mundo abafado e onírico, não favorável ao desenvolvimento do ego. Lúcifer nos carrega para fora desse ambiente de sonhos, onde ainda permanecem os animais, e nos conduz à consciência de si ligada ao Eu característica da Terra. As almas não escolhidas por Lúcifer vivem até hoje no mesmo estágio evolutivo anterior à separação da Lua, são os animais. As almas por ele guiadas evoluíram em grau de consciência e se tornaram humanas. Os animais ainda habitam um ambiente lunar, o ser humano está na Terra. É uma maneira de entender a mesma história pela ótica do Tempo. O que Lúcifer operou foi, portanto, mais que uma viagem no espaço físico, uma viagem no Tempo. E o que marca essas fronteiras no Tempo é o nível de consciência. Sob a ótica temporal, vegetais habitam o Antigo Sol, animais estão na Antiga Lua, nós seres humanos estamos terrenos. E os Anjos já foram para o Futuro Júpiter. A evolução planetária descrita por Steiner corrobora a tese de precisarmos entender passado e futuro como conceitos ligados aos graus de consciência. É através da consciência que viajamos no Tempo cósmico, é pela via do Antahkarana que alcançamos níveis de consciência cada vez mais elevados, cada vez mais integrados ao carma universal, é dessa maneira que apontamos germes de vontade ao futuro, germes que fluem através do desejo e que se atualizam na forma de representações mentais. Representações mentais que servem, como vimos há pouco, para nos proteger de Lúcifer, mas que também só foram possíveis após o advento do ego ensinado por Lúcifer.

E tudo isso nos serve para ilustrar a ideia de indissolubilidade entre o carma individual e o universal. Carma individual não só de entes humanos, mas de todas as individualidades espirituais, seja em que estágios evolutivos estejam. A história contada acima mostra o carma de Lúcifer totalmente enredado ao carma humano. Seres luciféricos se atrasaram em sua evolução na Antiga Lua de modo a influenciar a evolução humana. Permaneceram ainda na Terra carregada de Lua e não foram para o Futuro Júpiter como os que hoje são os anjos. Desviaram-se para nos guiar através da evolução da consciência no Tempo. Se não assumissem essa missão em sacro-ofício, quem teria nos guiado? E isso possibilitou ao Anthropos, em seu retorno à encarnação terrena após a separação da Lua, acolher o Eu por intermédio dos Espíritos da Forma;

foi só então que pudemos receber o impulso crístico na forma de uma entidade espiritual encarnada e viva. Isso marca a diferença entre nós e os animais.

“O desenvolvimento de todos os reinos da natureza não pode acompanhar o desenvolvimento geral em passo idêntico (...) em cada uma das encarnações planetárias da Terra sempre houve determinados entes atrasados em relação à evolução geral (...) no fundo, todo desenvolvimento só pode ser desencadeado por meio de tais atrasos. Sabemos que certos seres ficaram para trás durante o desenvolvimento da Antiga Lua; eram os seres luciféricos, culpados de muitos males, porém aos quais também devemos o que nos possibilita ser homens, ou seja, o ensejo da liberdade, do livre desabrochar de nossa entidade interior. Podemos dizer que o atraso dos seres luciféricos foi um sacrifício. Eles se atrasaram a fim de poder exercer, durante a existência terrestre, atividades muito peculiares, conferindo ao homem os atributos condizentes com a dignidade humana e com autodeterminação”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 42)

Liberdade. A liberdade foi o atributo mais fundamental que Lúcifer conferiu ao ser humano. Liberdade para discernir através da estrutura anímica do ego entre o Bem e o Mal. Sim, Lúcifer nos mostrou o Mal. Tomou-nos pelas mãos, nos levou para fora da Terra, e nos ensinou a possibilidade do Mal, e também do Bem. E nos ensinou a ser livres. Criou-nos o ego, uma estrutura sensitiva-racional capaz de discernir entre o que é ruim e o que é bom, a liberdade de construirmos o caminho do Bem por nossa própria vontade, ou seja, e mais uma vez, a construção do Antahkarana. Lúcifer nos ensinou a necessidade de discernir entre o Bem e o Mal, nos mostrou o caminho para encontrar o Cristo. O Antahkarana, a via do ego ao Eu. E Lúcifer escolheu – guiado por entidades espirituais hierarquicamente superiores, pois que todo carma está enredado na evolução cósmica – a que almas mostraria o Bem e o Mal e quais manteria na ignorância. Pois se apenas o ser humano é capaz do Mal, nunca se ouviu falar de um animal que houvesse praticado o Bem. Porque permanecem os animais na Antiga Lua, na consciência abafada incapaz de discernir entre Bem e Mal.

São diversas as maneiras de descrever essa mesma história, ou seja, a maneira como Lúcifer se inseriu na dinâmica humana, a forma como o carma de Lúcifer se associa ao carma humano. Poderíamos apresentar a mesma verdade a partir de conhecimentos científicos da embriologia, da anatomia e da morfologia. Já vimos como é possível compreender esse desenvolvimento a partir da evolução do coração, contaríamos a mesma coisa se escolhêssemos o cérebro como modelo. A ciência nos mostra como sobre um cérebro reptiliano se postou uma estrutura cortical mais

desenvolvida própria dos mamíferos e, para além desta, desenvolveu-se um córtex frontal especificamente humano. Poderíamos localizar este córtex frontal na Lemúria e atribuí-lo a Lúcifer, é quando Adão se faz humano e é expulso do Paraíso. À paleontologia é muito cara a passagem do macaco ao humano, o famoso elo perdido de nossa evolução biológica, o momento em que a faísca da consciência iluminou o cérebro antes animal e esse se fez mente humana. A ciência ainda busca esse achado, mas os mitos já nos contam essa história há muitos milênios; na verdade, desde a Atlântida. O que nos remete de volta ao nosso mito gnóstico que relata a estória de Lúcifer, Ahimã e Cristo. Mas para retomá-lo, antes de mais nada, é preciso dizer que falta falar de uma personagem fundamental ao enredo: Sophia.

Sophia, a Sabedoria.

Sophia é o tom amoroso que falta ao roteiro. E já entendemos: a Terra é o Cosmo do Amor. Faz-se, então, necessária Sophia; impossível o amor apenas com elementos masculinos. Para o amor, precisamos necessariamente do feminino. E o feminino quem traz é Sophia.

Em seu livro “Ocultismo”, Wesley mostra estar Sophia presente no mito original até pelo menos o século IV DC. É a época em que florescia no Oriente a cultura gnóstica cristã liderada por um sábio chamado Mani. Ele e seus discípulos foram brutalmente reprimidos, aprisionado, torturados e assassinados pela Igreja então em formação. Suas crenças foram consideradas heréticas por uma religião cristã em formação que subitamente se viu dominante e necessitada de uma identidade forte. Àquela época, muitas seitas cristãs no Oriente baseavam-se nos conhecimentos esotéricos herdados dos Manus e dos rishis, ainda vivia o ser humano sob as influências esotéricas que fluíram através da Antiga Índia. E Mani buscava seu conhecimento em Jesus Cristo. E também na sabedoria oriunda do zoroastrismo, de Hermes Trimegistos, dos Vedas, toda o saber que fluiu por via da Índia, da Pérsia e do Egito para culminar no ensinamento sintético de Jesus Cristo, o caminho do Antahkarana para toda a humanidade. Mani enxergava esse caminho. Mas entre os séculos IV até o XIII a doutrina da Igreja católica passou por profundas transformações. Épocas de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, reformistas em prol da unidade da Igreja. Uma força religiosa e política que precisa se consolidar também militar na Europa devastada e retalhada pelo fim do Império Romano. Vários concílios pragmatizaram, unificaram e simplificaram a teologia de forma a restar apenas uma pálida sombra da verdade espiritual. Foi assim que desapareceram dos ensinamentos católicos a noção de espírito, de carma, de reencarnação, a sabedoria herdada da Atlântida por intermédio do Manu e dos rishis foi apagada em benefício de uma história amputada. Sophia, a Deusa, também foi excluída, e com ela o feminino.

Mas antes, até pelo menos o século IV, encontramos lugar central para Sophia, a deusa que personifica a Sabedoria Divina. Na Cabala e nos primeiros séculos do cristianismo – tradição mantida pelo cristianismo gnóstico – Sophia compõe a Trindade. Então temos o Pai, Cristo e Sophia. E em nossa estória, Sophia é a deusa da sabedoria e também da beleza. Porque Ahrimã, em suas limitações, havia criado um mundo feio, rude e seco, feito de barro. Sophia veio para colori-lo com tons femininos. Sophia trouxe a beleza, a suavidade, a ternura, a sabedoria; todos atributos femininos. Lembremos: estamos a construir na Terra o Cosmo do Amor. Como é possível construir o amor sem o feminino, sem Sophia?

Na cosmovisão esotérica gnóstica cristã, Lúcifer não é um ser maléfico, um demônio das trevas, o Diabo que reina no Inferno como o passou a descrever a Igreja católica a partir da Idade Média. É um ser espiritual em sacrifício; Lúcifer, lembremos, pertence ao mundo dos anjos, ou pertencia, mas sacrificou-se em nome do amor. No mito, amor a Sophia. E o mito conta que Lúcifer ficou aprisionado no interior humano, o que é um símbolo do ego que Adão desenvolveu a partir da Lemúria. E que Sophia veio em seu auxílio, para dotar o mundo áspero de Ahrimã de suavidade, de sensibilidade, de apreço pelo belo e pelo bom. Porque sem Sophia o ego não teria a capacidade para amar. É que o amor não é do conhecimento de Lúcifer, pois ele, como nos conta Steiner, ainda habita o ambiente da Antiga Lua, a Terra agarrada à Lua, o Cosmo da Sabedoria. E quem vem em seu auxílio é justamente a Sabedoria, Sophia, somente Ela pôde lhe oferecer o amor, e Lúcifer o transformará para presentear o ser humano com o anímico de onde deriva o ego. Já falamos, e está escrito no capítulo X de “As Manifestações do Carma”: o anímico é o amor diluído. Mas Lúcifer, ser lunar, não conhece o amor. Precisa busca-lo em Sophia para construir-nos o ego: o amor de Sophia tecido por Lúcifer na forma de anímico.

“O homem penetrou no elemento luciférico no decorrer das encarnações:

Lúcifer se entreteceu ao elemento do amor. O elemento luciférico força sua penetração naquilo que é tecido pelo amor, só a influência luciférica pode trazer-nos o que impede o amor de ser uma dedicação plena, impregnando-o com sabedoria, de modo que o amor venha a ser intimamente permeado por ela. De outro modo – sem essa sabedoria – o amor seria uma força natural pela qual o homem não poderia ser responsável. Assim o amor transforma-se em autêntica força do Eu, à qual é entretecido o elemento luciférico que antes só se situava exteriormente, na matéria”

(“As Manifestações do Carma” – pág. 173)

Prestemos bastante atenção: Steiner está associando a Sabedoria ao Eu. E à liberdade de sermos conscientemente responsáveis por essa sabedoria recebida das mais altas esferas. Eu, Sabedoria e liberdade. Cristo, Sophia e Lúcifer.

É que, ao descer em auxílio de Lúcifer e a ele oferecer o amor, Sophia acabou também aprisionada no mundo terreno, é a imagem da substância espiritual feita matéria. Encontramos ideia parecida no mito grego do rapto de Perséfone por Hades. Hades, senhor do mundo de baixo, mundo material, sequestra o feminino simbolizado por Perséfone e o aprisiona no mundo inferior. Mas Sophia é muito mais que apenas Perséfone. É a espiritualidade que dota a matéria de sabedoria. E no encaço de Sophia desce à Terra o Cristo, o Logos. Cristo-Sophia compõem a Trindade, faceta masculina-feminina que se complementam, Cristo-Sophia é o ser divino em nós, as características masculinas e femininas que encontramos em tudo, desde a mais simples pedra até a Trindade. Dei-me um pedregulho e mostro em suas faces arredondas Sophia, em suas pontas o Cristo; na suavidade lisa o feminino, no rugor o masculino. E Cristo finalmente desce à Terra para completar Sophia, complementaridade sabedoria-vontade, porque Cristo traz o Eu ao ser humano. E participa disso Sophia. As duas expressões do Pai, expressão masculina e feminina da mesma Verdade. É o sopro divino mencionado na Bíblia, o Eu que penetra a matéria entretida pela Sabedoria a partir do amor transformado por Lúcifer em tecido anímico.

Cristo/Sophia constituem uma polaridade e esta compõe a Trindade. Não há novidade nenhuma aqui. São muitas as Trindades, cada civilização possui a sua. E todas mantêm esta dupla face masculino/feminino. No catolicismo exotérico, contudo, esta manifestação do Divino na forma da Deusa foi excluída, apagada ao longo dos primeiros séculos da Idade Média. E foi por isso que quando os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil não entenderam a concepção tupi-guarani da Trindade. Quando os índios apontaram Tupã como deus que emana a vibração oriunda da respiração silenciosa de Nhamandú, os jesuítas não reconheceram nele o Cristo. E muito menos puderam dimensionar o que significava a deusa Kuaracy, a claríssima luz emanada de Nhamandú manifesta na forma de sabedoria. Não eram mesmo capazes de reconhecer Sophia em Kuaracy. Os jesuítas não fizeram nenhuma questão de enxergar a Trindade tupi-guarani; Tupã e Kuaracy, as emanações masculino/feminina de Nhamandú. Pai, Cristo e Sophia.

Steiner não conheceu a cosmogonia tupi-guarani. Mas da mitologia egípcia era profundo conhecedor. E nesta Osíris/Íris são as manifestações masculina e feminina da emanação divina, do deus Rá. Em uma palestra intitulada "Search for the New Isis, the Divine Sophia: the Quest for the Isis-Sophia" (GA 202), Steiner associa Sophia a Isis. Para ele o mito fundador da cultura egípcia é uma preparação para os eventos crísticos

ocorridos no Gólgota. Osíris, marido de Isis é morto por Typhon, que Steiner explica ser a imagem de Ahrimã. Isis busca o corpo do marido morto, mas Typhon o toma novamente e esquarteja-o em pedaços que Isis finalmente enterra. Osíris é a imagem do Sol, do espírito, e ao enterrar seus pedaços Isis semeia a Terra com a espiritualidade divina. Não vamos nos aprofundar muito na mitologia egípcia, no entanto, podemos ver, claramente, como esse mito se parece com a ideia apresentada por Steiner de que o sangue de Cristo Jesus se fundiu ao corpo etérico da Terra e hoje flui em nós. Mas o que nos importa, a partir desse mito fundador egípcio relatado por Steiner, é a associação entre Isis e Sophia, e entre Osíris e Cristo. É perceber o lugar que também Steiner reserva para Sophia na Trindade, o reconhecimento da polaridade masculino/feminino. E esse não é um mero exercício retórico; é preciso perceber, através das verdades anunciadas por esses mitos, importantíssimas consequências para a prática clínica da Medicina Antroposófica. Estamos acostumados a pensar as doenças numa polaridade Lúcifer/Ahrimã, mas esses mitos nos mostram que esta relação não pode ser entendida apenas nesta forma polar. Há também uma continuidade nas ações destes seres, uma anterioridade na ação de um sobre o outro, e estas se relacionam a ordens cósmicas superiores evidenciadas nas figuras de Cristo e Sophia. Afirmar a presença de Sophia não é mera erudição; Ahrimã quer aprisionar cada vez mais Sophia em seu amor material e possessivo, Lúcifer quer libertá-la em seu amor animicamente compassivo, e Cristo desce à Terra para completar Sophia – sua consorte, sua contraparte feminina – e com o fogo da vontade que libertá-la do aprisionamento material e anímico imposto por seus dois amantes. São momentos diferentes, complementares, passado e futuro sempre atualizados no presente na forma de uma polaridade. Na tradição hindu, de onde Steiner extraiu o cerne de sua Antroposofia, a polaridade masculino/feminino também aparece com toda a força para compor a Trindade. Porque se reconhecemos Brahma, Vishnu e Shiva, não devemos nos esquecer que estas divindades masculinas possuem suas consortes – suas contrapartes – nas formas das deusas Sarasvati, Lakshmi e Parvati. Essa polaridade tripartida hindu também é Cristo e Sophia. Cada um dos três pares de deuses hindus expressam uma qualidade emanada de Brahmam, assim como Cristo/Sophia expressam a emanção do Pai.

No mito egípcio, Isis semeia a Terra com o corpo de Osíris, o fogo do Sol divino, a vontade espiritual. No mito gnóstico, Cristo liberta Sophia do aprisionamento que a paralisa no passado e, através da vontade que aponta ao futuro, a coloca novamente em movimento. O amor de Cristo, o Eu encarnado, o logos, liberta a Sabedoria Divina aprisionada na matéria e permite a Ela retomar o caminho de volta ao mundo espiritual. O fluxo é retomado, Heráclito, se conheceu esses mitos, ficaria satisfeito.

Podemos concluir, a partir, dos mitos que o ser humano é o palco de um drama de amor. O microcosmo humano reproduz esses grandiosos eventos cósmicos que nos chegam na forma de uma estória de amor. Sophia por intermédio do amor feminino na forma de Sabedoria auxilia Lúcifer e Ahrimã em suas criações imperfeitas. Cristo, o amor masculino na forma de Vontade, complementa o trabalho de Sophia e restabelece o fluxo antes interrompido. Sophia-passado-representação mental/Cristo-futuro-vontade. Sophia é o amor cristalizado na matéria, Cristo o amor em germe na vontade. Essa verdade cósmica é reatualizada por nós médicos a cada momento em que prescrevemos uma medicação antroposófica. Quando usamos medicamentos antroposóficos apontamos para o caminho oposto ao da descida de Sophia. Orientamos a fisiologia do organismo humano para a libertação do espiritual do material, a via de Cristo. Acionamos, em sentido inverso, o processo que levou à hipóstase do espírito em matéria, direcionamos o processo do material ao espiritual. O processo de dinamização através do qual são fabricados nossos medicamentos reproduz esse movimento: libertar o espiritual aprisionado na densidade química da matéria. Os alquimistas buscaram exaustivamente esse caminho, a redenção do espírito, sua libertação do mundo denso material. Libertar Sophia de Ahrimã, operar ao reverso o caminho da emanção espiritual em direção à matéria, medicar significa levar a matéria adocida para o caminho da redenção espiritual. Estamos saindo da Kali Yuga. Na cosmovisão hindu reiniciamos o processo de retorno ao espiritual após o mergulho mais profundo na matéria. Steiner também reconhece o fim da Kali Yuga ao dizer que a época cultural atual representa um retorno da materialidade mais densa representada pela época grego-latina, justamente quando nos veio o Cristo ensinar o caminho de volta ao Pai. A ascensão da materialidade mais dura para a sutileza do mundo espiritual é o carma coletivo de toda a humanidade.

Em “As Manifestações do Carma” há um capítulo inteiro dedicado à polaridade masculino/feminino. É o capítulo IX.

“A mulher é diferente do homem em certas qualidades da alma, possuindo maior pendor para as qualidades anímicas que levam a impulsos emocionais (...) Pelo fato de receber impressões relacionadas com o psiquismo e com a emotividade, a mulher leva as experiências da vida para as regiões mais profundas da alma (...) Por isso as experiências tendem mais fortemente a atuar em sua natureza, a cingi-la mais fortemente no futuro. E assim uma vida feminina assume a tendência a, numa encarnação, intervir profundamente no organismo por meio de suas vivências (...) Trabalhar mais profundamente, elaborar mais profundamente o organismo significa produzir um organismo masculino (...) quando as forças da alma querem fixar-se mais

profundamente na matéria. Disso constatamos que das vivências femininas de uma encarnação procede o efeito que produzirá um organismo masculino na encarnação seguinte”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 158)

E Steiner vai concluir ser o homem o carma da mulher.

E a mulher é o carma do homem. Pelo raciocínio reverso.

Não é novidade a noção de que as individualidades espirituais, geralmente, alternam uma encarnação feminina com uma masculina. Steiner nos explica com suas palavras: a mulher aprofunda mais na alma as vivências, o que produz na encarnação seguinte um organismo masculino; o homem, que privilegia o racional e o intelectual, aprofunda menos na alma as vivências, gerando no futuro um organismo feminino. E através desse jogo encarnatório feminino-masculino, por intermédio dessa alteridade que cria uma solução de continuidade, pode a entidade espiritual de cada ser humano trabalhar as amplas questões cármicas através das eras. Organismos femininos propiciam a evolução de determinados aspectos cármicos, encarnações masculinas favorecem outros. Mas, em cada encarnação, o grande desafio, tanto a mulheres como a homens, é desenvolver a relação entre o feminino e o masculino que cada individualidade espiritual comporta em si. Lembremo-nos que até a Lemúria o Anthropos era um ser andrógono. É só na Lemúria que aparecem as figuras de Adão e Eva. Platão descreve com primor este mesmo momento bíblico, o da separação dos gêneros masculino e feminino. No diálogo intitulado “O Banquete” mostra como, após o fim da androgenia, as almas, agora separadas em masculinas e femininas, passaram a buscar sua contraparte, reservando inclusive espaço à homossexualidade de almas apenas femininas ou somente masculinas. Mas o que nos importa aqui é o ser andrógono, e Platão apresenta-o por intermédio de uma imagem mítica que descreve a tarefa psíquica do ser humano atual. Almas encarnadas em organismos femininos devem buscar o masculino em si, e almas encarnadas em corpos masculinos precisam encontrar o feminino em si. Jung descreveu essa fundamental necessidade psíquica de forma claríssima através dos conceitos de anima e animus, e atribuiu importância central a essa questão em sua prática clínica. O mito gnóstico nos mostra muito claramente a necessidade de unir Cristo a Sophia. Impossível praticar a arte médica antroposófica sem levar em consideração a necessidade de anima procurar por animus, e de animus encontrar o caminho de anima. Talvez seja essa a operação mais potente na construção do Antahkarana. Os alquimistas conheciam essa necessidade, e suas estripulias no plano químico da matéria nada mais eram que a expressão física da operação mais profunda, e oculta, que buscavam na alma: aproximar feminino e masculino e construir

a ponte que liga o ego ao Eu, partir de um ego cindido na forma masculina/feminina e alcançar a androgenia do Eu. Os alquimistas chamavam essa construção de Pedra Filosofal. Aproximar Cristo e Sophia. Os alquimistas conheciam Sophia. Juntar novamente o que foi cindido, primeiro por Ahrimã e depois por Lúcifer, como no mito gnóstico.

Steiner também reconhecia essa necessidade. Em “A Crônica do Akasha” ele corrobora a tese apresentada acima que liga Sophia ao passado e Cristo ao futuro.

“O corpo masculino tomou um aspecto determinado pelo elemento da vontade, ao passo que no feminino predominam as características da representação mental. Desse modo a alma bissexual habita num corpo unissexual, masculino ou feminino”
 (“A Crônica do Akasha” – págs. 54 e 55)

E Steiner mostra como essa separação em gêneros foi o marco fundante da atividade do pensar, pois a energia anímica antes empenhada na autofecundação e reprodução durante a era da androgenia tornou-se livre para encontrar a energia espiritual e formar as bases orgânicas do cérebro capaz de sustentar o pensamento. Todos sabemos ser a Lua o planeta ligado às atividades proliferativas etéricas no organismo físico. E a Lua é expressa no organismo físico como cérebro. A Lua é o planeta que reflete a luz do passado, a luz da Sabedoria de Sophia que se manifesta no ser humano na forma de representações mentais. A proliferação etérica transformada em pensamento. E Steiner atribui o início e desenvolvimento dessa atividade pensante justamente às mulheres:

“sua energia imaginativa (das mulheres), presa à Natureza, tornou-se a base de um desenvolvimento elevadíssimo da vida mental representativa. Elas recebiam as forças da Natureza deixando-as ressoar delicadamente dentro da alma. Assim formaram o germe da memória. E com a memória penetrou no mundo a faculdade de formar os primeiros e mais simples conceitos morais”.
 (“A Crônica do Akasha” – pág. 47)

Essa passagem não deixa nenhum vestígio de dúvidas quanto à importância do feminino durante o desenvolvimento ocorrido na Lemúria e, mais uma vez, o associa às forças representativas do pensar. A partir de um pensamento ainda imaginativo atávico, almas femininas puderam elaborar os primeiros indícios da memória enquanto função anímica, o que culminaria, no futuro, em códigos e preceitos morais como os que vivemos hoje. Coube aos homens, nesse mesmo período lemúrico, o domínio e

entendimento do ambiente natural, o exercício da vontade para transformar o mundo circundante e, dessa forma, progrediu a humanidade. Nas páginas de “A Crônica do Akasha” encontramos os fundamentos do mito gnóstico, Sophia e Cristo manifestos na polaridade feminino/masculino e na complementariedade feminino-masculino.

“Do gênero feminino partiram as primeiras ideias sobre o Bem e o Mal. Começou-se então a amar certas coisas que causavam uma determinada impressão à vida das ideias e a abominar outras. O domínio do elemento masculino exercia-se na atuação exterior das forças volitivas, no manejo dos poderes naturais, ao passo que surgia ao seu lado, no elemento feminino, uma ação através da alma, por meio de forças interiores (...) dos homens partia uma influência mais divino-natural e das mulheres uma influência mais divino-anímica”.

(“A Crônica do Akasha” – pág. 48)

É interessante perceber como sempre podemos ler em Steiner a construção da evolução humana a partir do desenvolvimento dos processos de consciência. Ainda em “A Crônica do Akasha”, ele localiza no cérebro físico o órgão responsável por intermediar a relação da alma com o espírito.

“A alma do homem atual teve de esperar até que houvesse um cérebro, que é o intermediário do espírito. Sem esse caminho indireto, essa alma não seria dotada de espírito, teria permanecido no grau de consciência onírica (...) Esse caminho indireto é chamado de queda da alma humana na matéria, ou, de um modo popular, pecado original”

(“A Crônica do Akasha” – págs. 57 e 58)

É o mergulho na Kali Yuga, e essa história já conhecemos. É aqui que entra Lúcifer. Ele está envolvido em todo esse processo de desenvolvimento do aparato físico-anímico que chamamos de cérebro, é nesse momento que ele dota o ser humano de ego. Aqui deixamos a Antiga Lua e sua consciência onírica para nos tornarmos seres terrenos pensantes. E, nesse momento, inicia-se no ser humano um desejo de conhecimento. É que em nós a sabedoria não se manifesta de forma intuitiva, sem intermediação física, como acontece nas hierarquias superiores. Enquanto humanos ainda necessitamos de nosso aparato físico, a intuição só nos será possível quando superarmos a influência luciférica e alcançarmos estágios superiores da consciência. Quando atingirmos esse patamar, para pensar não mais investiremos parte de nossa energia anímica ao interior, para pensar de forma intuitiva é preciso que toda essa

energia esteja dirigida para fora. Mas para isso, será também necessário superar a necessidade biológica atual do encontro sexual para nos reproduzirmos; teremos que retornar ao estado de androgenia, o que alcançaremos pela construção do Antahkarana. Dirigir as forças anímicas ao interior para, através desse caminho, encontrar as forças cósmicas espirituais na forma do Eu, o Grande Guardião do Limiar, o Cristo. Aí teremos redimido Lúcifer, que em sua função de auxiliar-nos em nossa evolução nos ofereceu a capacidade egóica do pensar racional.

O que nos leva, novamente, a refletir como a evolução humana está enredada ao carma de todas essas entidades espirituais das quais temos falado. E também de volta a ideia de que essa evolução, no momento atual enquanto Terra, acontece na forma do amor.

“A energia pela qual o homem se dirige ao exterior a fim de atuar juntamente com um outro ser é o amor. Os seres sobre-humanos dirigiam todo seu amor para o exterior, a fim de deixar fluir para sua alma a sabedoria universal. Porém o homem só pôde dirigir uma parte para o exterior. Ele se tornou sensorial, e por isso seu amor se tornou sensual. Ele retira uma parte de seu ser do mundo exterior e emprega-a na construção de seu interior. Assim surgiu o que chamamos egoísmo (...) E sua atuação exterior também se tornou egoísta, assim como seus esforços para uma evolução interior. Ele amava porque desejava o objeto amado, e pensava porque desejava o saber(...) O homem tem de passar pelo egoísmo para retomar, num grau superior, o altruísmo, agora porém com uma consciência completamente lúcida”

(“A Crônica do Akasha” – pág. 59)

E então não nos será mais necessária a influência luciférica, teremos superado a necessidade do pensar egóico. Lúcifer terá, finalmente, completado seu sacro-ofício.

Quais caminhos irá tomar Lúcifer, e também Ahrimã, após atingirmos enquanto humanidade esse grau de desenvolvimento em nossa consciência é assunto misterioso que nunca vi comentado. Mas o que importa aqui é realizarmos o quanto a evolução de nosso carma está completamente atrelada ao dessas entidades. No capítulo XI de “As Manifestações do Carma” é a essa conclusão que Steiner dirige seu raciocínio. Começa por demonstrar como os carmas de Lúcifer e Ahrimã, antes de mais nada, estão enredados, e demonstra isso através da evolução humana. É que existe não só uma corrente de desenvolvimento individual, aquela que corresponde ao carma individual de cada entidade humana, mas também uma corrente coletiva, cultural, que entrelaça todas as correntes individuais no desenvolvimento contínuo da humanidade. Steiner demonstra essa verdade em “A Ciência Oculta”, em “A Crônica do Akasha” e em

inúmeras outras oportunidades. É de conhecimento básico no estudo da Antroposofia a existência das épocas culturais hindu, persa, egípcia, grego-latina e atual. E em cada uma dessas épocas foram muitas as distintas civilizações que surgiram e desapareceram. Então, o carma individual de cada um de nós está intrinsecamente ligado ao carma de um povo, ao carma de uma nação, de uma civilização, de uma época e da humanidade em geral. E também ao de Lúcifer e Ahrimã. Porque Lúcifer está sempre a se inserir, a partir de nossas individualidades, na corrente coletiva e contínua da humanidade. Essa corrente contínua herdamos das hierarquias mais superiores, mas Lúcifer nos proporciona, ao imiscuir-se através dos corpos astrais humanos e impregná-los, um fervor sagrado, um entusiasmo por tudo o que criamos em determinada época cultural. Se seguíssemos uma corrente contínua sem as tentações luciféricas terminaríamos por desenvolver na Terra o objetivo final do amor, o que seria partilhado por todos os indivíduos. Porém, como já vimos, uma corrente de fluxo longo e contínuo, sem a interpolação de frequências mais curtas, não cria o fenômeno da autoconsciência. Assim, esse desenvolvimento nos seria ofertado pelas mais altas hierarquias através de uma consciência crepuscular, abafada, onírica e sem liberdade, o que não coincide com a consciência terrena ligada ao Eu. Por isso foi necessária a ação de Lúcifer: dotou-nos de ego e capacidade para amar em liberdade. O que pode tornar-se devoção. Devoção aos desenvolvimentos culturais, o que nos causaria uma paralisia e não a evolução através das épocas culturais. E aqui intervém Ahrimã. Para cada criação humana, para todo modelo cultural desenvolvido a partir da influência de Lúcifer, intervém a potência ahrimânica para destruí-la. Ahrimã é superior a Lúcifer, entende melhor os desígnios da Criação. Destruir para criar o novo. Sem Ahrimã paralisaríamos nosso desenvolvimento na devoção cultural pelo que é criado por nós mesmos. Lúcifer nos deu a ideia de liberdade para construirmos um caminho coletivo através de nossas atitudes individuais que leve ao Bem supremo. Contudo, criou também a possibilidade de nos enredarmos no Mal que se manifesta na forma de uma devoção exagerada e paralisante ao que nós mesmos construímos. É Ahrimã quem nos oferece a possibilidade de retornar à liberdade quando nos aprisionamos na teia sedutora de Lúcifer. Nós já vimos que quando não há possibilidade de curar uma doença que em sua origem foi luciférica, a influência de Ahrimã destrói o órgão acometido. Ahrimã, em seu potencial destruidor-criativo, aniquila o que foi desenvolvido pela influência de Lúcifer, para nos por novamente em evolução. E assim se constrói a humanidade, com Ahrimã sempre a perseguir Lúcifer. Como diz Steiner: Ahrimã é o carma de Lúcifer.

“O exemplo dos seres luciféricos e ahrimânicos abre-nos uma visão do carma das entidades superiores... Em toda parte onde existem Eus, existe carma. Lúcifer e Ahrimã abrigam naturalmente Eus em si; por isso os efeitos de suas ações podem retroagir sobre eles próprios”.

(“As Manifestações do Carma” – pág. 193)

Estão, então, todos os seres embaralhados e misturados numa teia cármica que abrange todo o Universo.

Em um ciclo de palestra reunidos no livro “A Missão das Almas dos Povos”, Steiner apresenta a evolução cósmica cármica sob o âmbito das hierarquias superiores. Lá está esclarecido serem os espíritos dos povos os arcanjos. Enquanto os espíritos da época cultural são os arqueus. Já os anjos são os intermediários através dos quais essas entidades superiores podem se manifestar ao ser humano, de forma que cada indivíduo humano possa se tornar instrumento a serviço de desígnios cósmicos que fluem até nós por intermédio dessas entidades. E não nos esqueçamos, sempre é bom lembrar, que Lúcifer, Ahrimã e Asura são seres oriundos das hierarquias dos anjos, arcanjos, e arqueus; quando estes passavam pelo estágio de evolução humana, se atrasaram em seu próprio desenvolvimento em sacro-ofício e estão na Terra aprisionados no seio da evolução cármica humana.

Mas os seres que evoluíram normalmente também nos influenciam amplamente o carma.

“Quando a atividade desses seres, desses Espíritos dos Povos, influi na vida do ser humano, assim deve haver algo que de certo modo se torna visível, no mundo exterior, uma espécie de impressão, de reflexo do trabalho dos Espíritos dos Povos ou Seres Arcangélicos (...) tais entidades têm de possuir também um corpo físico. Sua corporeidade tem de ser expressa de alguma maneira (...) sem dúvida o corpo humano tem realmente de ter uma relação com o trabalho dessas entidades espirituais”.

(“A Missão das Almas dos Povos” – pág. 37)

Estranho pensar sermos apenas membros de arcanjos. Todos sabemos, arcanjos possuem Eu, mas não corpo físico. O corpo físico teremos que abandonar quando evoluirmos da condição humana para a angélica. Mas um arcanjo precisa expressar sua vontade, que flui de sabedorias cósmicas muito superiores através de seu Eu, de alguma maneira na vida terrena. E somos nós o corpo físico pelo qual expressam essa vontade. E seríamos totalmente inconscientes e indiferentes a esse

processo cármico não fosse a ação de Lúcifer. Ele, em seu sacro-ofício, nos dotou de ego e da capacidade de discernir entre o Bem e o Mal.

Esse assunto é difícil. Steiner nos deixa um tanto sozinhos para seguirmos nossas próprias reflexões. Talvez tenha julgado importante pensarmos por nós próprios.

Não resta nenhuma dúvida de que a colonização europeia nas Américas e em África foi um desastre humanitário. Milhões de indivíduos brutalmente assassinados e escravizados, torturados e brutalizados. Civilizações foram aniquiladas e seus descendentes até hoje oprimidos. Mas, não tivesse a humanidade tomado esse caminho e não ocorreria a diáspora na África negra, milhões de indivíduos não teriam sido conduzidos às Américas e hoje não estariam aqui colaborando na criação de uma raça miscigenada. Bem, muitos colocam nessa miscigenação o futuro da evolução para a humanidade. E podemos atribuir à corrente contínua de evolução da humanidade, sob influência dos arcanjos, todos os inúmeros movimentos que levam povos de um lado ao outro, todas as guerras que daí resultaram e também toda a riqueza cultural produzida. Se ingleses e franceses não houvessem traído os povos árabes que lutaram aos seus lados durante a Primeira Guerra Mundial contra o Império Otomano, se tivessem cumprido sua palavra de conceder aos árabes a independência uma vez vencidos os otomanos, se não os houvessem reduzido a colônias, talvez hoje, quem sabe, o mundo árabe pudesse viver em paz. Talvez sem as múltiplas interferências europeias e americanas no Oriente Médio a Síria hoje não se encontrasse em caos. E não haveria o êxodo de milhões de muçulmanos para a Europa. Mas, mais uma vez, isso parece cumprir com um comando superior comprometido com a miscigenação dos povos. A atual fuga de milhões de muçulmanos de Síria, Iraque, Afeganistão e também de países africanos para a Europa corresponde a vontades arcangélicas expressas na Terra através dos movimentos desses povos. Parece que o futuro da humanidade aponta na direção da miscigenação. Mas por que ao longo dos milênios tais movimentos ocorrem sempre no contexto de tanta violência?

Não cabe neste texto julgarmos certos ou errados esses recentes acontecimentos da geopolítica internacional. Também não sabemos em que isso resultará. Mas, precisamos reconhecer em todos esses atos o trabalho de arcanjos. E também é necessário assumir nossa própria responsabilidade humana nesses atos históricos. Pois Lúcifer nos dotou de ego e liberdade, a capacidade para discernir entre o Bem e o Mal. Será, então, que podemos atribuir a um arcanjo uma mensagem de guerra? Será que não conhecem outra maneira de fazer cumprir as missões que lhes chegam das hierarquias mais altas. Se um arcanjo responsável por guiar os passos de um povo europeu o impele em direção à África com o objetivo de que culturas possam se fundir e assim evoluir, mas os representantes na Terra desse povo, o membro físico

do Arcanjo, se dirigem à África com espadas em punho e motivados apenas pela ganância do lucro que escraviza e aterroriza, talvez possamos imaginar não estarmos ouvindo bem as mensagens que nos chegam das hierarquias superiores através dos anjos. Limitações nossas, talvez também dos anjos e dos arcanjos, pois que estes também estão em evolução. Provavelmente não estamos sabendo ouvir, mas é possível que a mensagem também nos chegue truncada. Estamos todos evoluindo juntos, compartilhamos o carma, possuímos todos limitações. Mas um fato é muito claro: desde que ingressamos na roda do samsara, quando nos inscrevemos no carma universal a partir de nossa própria individualidade, somos responsáveis pelo livre arbítrio a nós oferecido por Lúcifer. Estamos todos – humanos, anjos, arcanjos – a procurar a via evolutiva iluminada pelo Cristo, cada um a seu Tempo. Recebemos todos quando na hierarquia humana o impulso de Cristo/Sophia e então nos colocamos no caminho que leva ao Pai. E, se na corrente cármica contínua da evolução da humanidade, um arcanjo nos coloca em movimento, precisamos saber que a decisão de levantarmos armas ou levarmos a paz também cabe a cada um de nós através da corrente individual de nosso desenvolvimento. Depende de nosso grau de consciência, da evolução na via do Antahkarana. E acredito que enquanto humanos estamos sempre a alternar condutas luciféricas e angélicas, ahirmânicas e arcangélicas. No Futuro Júpiter já somos Lúcifer ou anjos; no Futuro Vênus já atuamos como Ahrimã ou arcanjos sobre os humanos que hoje ainda são habitantes do Antigo Sol na forma de vegetais. O que fazemos hoje no presente, no planeta Terra, atua sobre o futuro de seres que ainda estão no passado. É uma necessidade transformar a ecologia do planeta para que os atuais animais possam evoluir a humanos quando, no futuro, Júpiter finalmente extirpar de si a Terra. É o nosso sacro-ofício. Como o faremos depende de como podemos ouvir as hierarquias superiores e das escolhas livres que fazemos na Terra. O sistema econômico capitalista neoliberal que provoca o aquecimento global é um caminho de Amor? Quando o construímos estávamos ouvindo Michael? Ou escutávamos era o sussurro de Ahrimã?

Talvez o arcanjo possa estar nos impulsionando ao movimento e a guerra seja a maneira mais conhecida por nós para cumprir tal propósito. Parece-me bastante claro que precisamos desenvolver melhor, e urgentemente, nossa capacidade de cumprir os desígnios a nós solicitados de outras maneiras mais criativas que através da guerra e da destruição. Michael já evoluiu a arqueu, o espírito da nova época cultural que se anuncia. Estamos seguindo seus ensinamentos? São eternas dúvidas humanas. Mas parece-me difícil que um arqueu ou um arcanjo, ou mesmo um anjo, ressoe tambores de guerra. Esses seres já ultrapassaram a Terra e sua missão de construir o Cosmo do Amor. Já internalizaram o amor em seus espíritos e hoje, para eles, o Cosmo do Amor já é passado. Cabe a cada pessoa desenvolver o Antahkarana, de forma a podemos

ouvir melhor a linguagem através da qual nos sopram as entidades superiores, e não apenas reagir da maneira mais fácil e cômoda aos impulsos de nosso corpo astral.

Ao longo de “A Missão das Almas dos Povos”, Steiner pontua o trabalho de cada uma das hierarquias, a maneira como todas elas se relacionam carmicamente na evolução do Cosmo. Não deixa nenhuma dúvida quanto a nossa total integração a esse processo coletivo cármico e retorna à cosmogonia para afirmar que a missão do Antigo Saturno foi o desenvolvimento da vontade, do Antigo Sol o sentir e da Antiga Lua o pensar. Na Terra, a missão é o equilíbrio dessas três potências, e o ser humano está totalmente vinculado a isso, porém, ainda não fomos capazes de cumprir esse objetivo. Quando estivermos aptos a sustentar esse equilíbrio teremos criado algo novo, um quarto elemento se somará àquelas três potências e esse elemento é o amor. Anjos e arcanjos nos orientam nesse caminho, Lúcifer e Ahrimã estão atentos para reorientar nossas escolhas ao equilíbrio através das doenças.

E enquanto não advém à humanidade esse equilíbrio seguimos em luta para cumprir nosso desafio cármico coletivo. Coletividade que abrange todas as hierarquias espirituais e se atualiza em cada carma individual. Não cabe aqui julgar as consequências cármicas carregadas por um capitão de navio negreiro, por um general que ordena genocídios, por um soldado que saudosos da noiva amada mata em própria defesa. Mas, baseado nas leis gerais do carma, como já vimos, certamente tais atos retroagirão e se manifestarão de alguma maneira na vida seguinte. O que nos traz, após esse longo passeio pelo carma universal, de volta ao carma individual e ao adoecer humano. Que já havíamos entendido como desequilíbrio na interação dos membros que compõem a natureza quadrimembrada do ser humano e, agora podemos dizer, se constitui na desarmonia do pensar, do sentir e do querer na construção do amor. O que nos traz novamente Lúcifer, foi ele quem maculou, na interioridade humana, o amor. Steiner já nos disse, foi através do amor que Lúcifer forçou sua entrada no interior humano, ele transformou o amor em elemento anímico para construir o ego.

“Ao absorver o elemento luciférico, o homem entretece a existência material, de sua própria corporalidade, a um elemento anímico que de fato é tecido de amor, mas também impregnado pelo elemento luciférico. O amor permeado pelo elemento luciférico, impregnando o material, é a causa de doenças que atuam de dentro para fora”.

(“As Manifestações do Carma – pág. 173)

O amor, portanto, é o cerne do adoecer. O amor maculado por Lúcifer. O que nos conduz à conclusão de que todo tratamento, seja ele de que espécie for, deve partir do amor.

“Somente infundindo amor é que podemos ter a verdadeira assistência para o elemento cármico se desenrolar de forma correta (...) Algo que vive na pessoa curadora – em particular determinados processos em seu corpo etérico –, por entrar em certa relação com aquele que deve ser curado, é proporcionado numa espécie de polaridade (...) e isso deve ser entendido, no sentido mais elevado, como um ato de sacrifício (...) O fato de se provocar esse outro processo na outra pessoa é o sacrifício de uma força que nada mais é senão de amor transformado”.

(“As Manifestações do Carma” – págs. 174 e 175)

Sacro-ofício. Todo terapeuta exerce em sua prática um ato de sacrifício, de amor. E Steiner deixa isso muito evidente no caso de todo tratamento baseado em terapias psíquicas, mas também pela via medicamentosa. Porque o medicamento a ser ministrado ao doente está em estado material puro, ou seja, é tecido por luz condensada. Apenas no interior humano a matéria foi maculada pelas influências luciféricas ou ahrimânicas. Steiner compara a matéria humana entretecida pelo amor manchado por Lúcifer ou Ahrimã à escuridão. E a escuridão, deve ser tratada com luz pura, a luz encontrada na matéria exterior. Assim, ao ministrarmos um medicamento antroposófico estamos oferecendo à matéria adoentada a oportunidade de regeneração. Libertamos Sophia de seu aprisionamento na matéria contaminada pelo amor maculado, de forma que Ela retome o caminho da espiritualidade. E esse caminho é a via do Cristo. O Cristo que desce até nós pela via emanativa e nos semeia com a centelha divina na forma de Eu, o Cristo que procuramos pela via do Antahkarana, a lenta e laboriosa construção que parte do ego em direção ao Eu. Paracelsus, em sua sabedoria, afirmou caber ao médico saber o momento adequado de tratar o doente, porque somente obterá êxito quando for essa a vontade de Deus. Ou seja, do Eu, do elemento divino em nós, por meio da vontade de acessarmos o divino pelo caminho do Antahkarana.

“Toda doença é um purgatório e nenhum médico pode curar se Deus, com sua divina graça, não determinar que esse purgatório termine”.

(“A Chave da Alquimia” – pág. 140)

O que corrobora Steiner quando ele nos ensina não haver mal nenhum em tratamentos, vacinas e profilaxias, contanto que seja também oferecida uma contrapartida na forma da educação espiritual, a única capaz de alcançar o Eu, de atuar no processo de formatação do Antahkarana, de regenerar a matéria adocida pelo amor maculado, de elaborar o coração etérico capaz de reconhecer a manifestação do Cristo, de construir na Terra o Cosmo do Amor. Entendendo essas mensagens estaremos nós, médicos e todos os tipos de terapeutas, trabalhando não só em benefício daqueles que procuram nosso auxílio, mas também colocando nossa vontade de tratar em sintonia com a evolução do carma cósmico universal. Um sacro ofício.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Steiner R. A ciência oculta. São Paulo: Antroposófica; 2006
- _____ A crônica do Akasha. São Paulo: Antroposófica; 2000
- _____ A eterização do sangue. São Paulo: Antroposófica; 2015
- _____ A filosofia mística nos séculos XIII a XVII. São Paulo: Antroposófica; 2011
- _____ A missão das almas dos povos. São Paulo: Antroposófica; 2014
- _____ As manifestações do carma. São Paulo: Antroposófica; 1999
- _____ Disease, karma and healing. Forest Row: Rudolf Steiner Press; 2013
- _____ O conhecimento dos mundos superiores. São Paulo: Antroposófica; 2004
- _____ Teosofia. São Paulo: Antroposófica; 2004
- _____ Pensar, sentir, querer. In: Conceitos fundamentais para uma psicologia antroposófica. São Paulo: Associação Brasileira de Psicólogos Antroposóficos e Antroposófica; 2016
- _____ O espelhamento pré-natal e pós-morte no âmbito anímico: imagem e germe In: Conceitos fundamentais para uma psicologia antroposófica. São Paulo: Associação Brasileira de Psicólogos Antroposóficos e Antroposófica; 2016
- _____ Os aspectos corpóreo, anímico e espiritual da vida da alma. In: Conceitos fundamentais para uma psicologia antroposófica. São Paulo: Associação Brasileira de Psicólogos Antroposóficos e Antroposófica; 2016
- _____ Planetary spheres and their influence on mans life on Earth and in the spiritual worlds – 5ª palestra – GA 218
- _____ Search of the new Isis, the divine Sophia: the quest for the Isis-Sophia. GA 202
- _____ The mistery of Trinity – parte II – palestra I. GA 214

Steiner R, Wegman I. Elementos fundamentais para uma ampliação da arte de curar. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica e Editora Antroposófica; 2015

Burkhard G. Os fundamentos antroposóficos para a pesquisa do carma. São Paulo: Antroposófica; 2011

Canguilhem G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense-Universitária; 1978

Husemann F, Wolff O. A imagem do homem como base da arte médica. São Paulo: Associação Beneficente Tobias, 1984

Moraes WA. Ocultismo e seus caminhos. São Paulo: Barany; 2017

Paracelso. A chave da alquimia. São Paulo: Três; 1983

Platão. Mênon In: Diálogos I. Rio de Janeiro: Ediouro; 1996

_____. O banquete. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1997